

## **História**

### **História de Vida**

#### **História completa**

P - Bom, bom dia.

R - Bom dia.

P - Em nome da Aracruz, do Presidente da Aracruz, eu agradeço muito a sua presença aqui no Projeto. É uma presença importante. A gente costuma começar pedindo pra que a pessoa se identifique com nome completo, data e local de nascimento.

R - Carlos Augusto Lira Aguiar. Nasci em Sobral, no Ceará, em 1945. Portanto, estou com 59 anos.

P - Festa no ano que vem, então.

R - Boa festa no ano que vem. Eu já passei de meio século. Já fiz uma festa boa. Agora, com 60 anos, to entrando na terceira idade. Tem a quarta e a quinta. Ainda estou longe de me entregar. Então tem que fazer uma festa boa pra começar de novo.

P - E que dia você nasceu?

R - 24 de julho. Leão.

P - Já nasceu sobre o signo da batalha. Qual o nome dos seus pais?

R - José Moacir Rocha Aguiar, já faleceu. E Francisca Lira Aguiar, que ainda é viva. Mora lá em Fortaleza.

P - E o quê que você sabe a respeito da origem deles, da origem do nome?

R - Lira e Aguiar são nomes originários de Portugal e Espanha, mas a família em si é originária de Portugal. São meus avós que são originários de lá. Minha mãe já é filha de portuguesas, mas já com brasileiros, provavelmente indígenas. E meu pai, tanto o avô materno quanto o paterno, eram ambos de origem portuguesa.

P - E seus avós chegaram, eles são imigrantes, vieram pro Brasil? Como é que é essa história?

R - Não, os avós não. Os bisavós é que eram imigrantes. Mas a história dos imigrantes eu conheço muito pouco. Eu conheço mais dos avós. Meu avô por parte de pai era comerciante, dono de salinas. Dono de, na época não eram supermercados mas eram armazéns. E meu avô por parte de mãe era maquinista de trem. Então era, pilotava trem. Funcionário então da estrada de ferro da Rede Federal de Estrada de Ferro. E eu nasci em Sobral, mas com dois meses de idade já nos mudamos pra outra cidade que é no litoral chamada Camocim. E nessa mudança faleceu um irmão mais velho na época em função de uma doença que tava pegando forte na época. E eu fiquei morando com meus avós pra não pegar a tal doença. E como eu já tinha na frente uns três irmãos, fui ficando lá com os meus avós. Os meus pais ficaram com pena de tirar. Passou lá uns seis meses, um ano. E aí, quando resolveram me buscar, deu lá uma certa emoção entre eles e eu fui ficando. Depois, quando aprendi a falar, aprendi a entender um pouco das coisas, eu já não queria mais também largar deles. Então o certo é que até casar eu morei com os meus avós.

P - Qual o nome deles?

R - Antônio de Lira e Eugênia de Lira. Esse que tinha sido o maquinista. Então eu frequentei muito a estação quando era pequeno, porque ia lá esperar que ele voltasse das viagens, do trabalho. E essa cidade era interessante porque ela tinha, naquela época. Eu nasci em 45, mas eu me lembro das coisas acontecendo talvez lá de 52. Antes eu não me lembro de nada, mas já em 52, 53 eu me lembro de algumas coisas. Mas a cidade tinha aeroporto, pousava aviões comerciais naquela época. Tinha trem. Tinha porto. Lá aportavam navios. Então, quando alguém ia a Fortaleza, por exemplo, que era a capital do estado, ia de navio ou ia de trem ou ia de avião. Então tinha os três meios de transporte. Mais à frente é que passou a ter ônibus. Nem tinha ônibus nessa época. Que outra coisa que era muito interessante naquela cidade, que hoje eu fui lá

agora a pouco tempo, não é mais a mesma coisa do que era na minha visão de criança. É que ela tinha sido uma base aérea americana na época da guerra. E tem alguma influência na presença dos soldados por lá. Então, as músicas que eu ouvia quando era pequeno eram todas músicas do Glenn Miller, músicas americanas, Jazz, aqueles Jazz rápidos daquela época. O charleston e tal. Cheguei a ver a banda da cidade. E os americanos deixaram os instrumentos todos lá, as partituras e tudo. E a banda da cidade, os instrumentos eram todos em inglês e tal. E só se tocava música americana. Depois é que começou a entrar as músicas mais brasileiras, na medida que o pessoal foi evoluindo no aprendizado. E foi de lá também que, eu me acho, me analiso como um cara do mundo. Eu sempre, desde pequeno, eu me lembro muito disso. De que eu não queria ficar lá na cidade e eu queria conhecer o mundo e queria ir pros Estados Unidos pra ouvir Jazz ao vivo em New Orleans, que eu escutava muito lá. O Jazz tinha nascido em New Orleans e tal. E eu queria ir a New Orleans de qualquer jeito. Desde pequenininho que eu já imaginava isso. Já sonhava que algum dia eu tinha que achar esse caminho. Tanto que quando eu comecei a trabalhar, minha primeira chance de fazer uma viagem aos Estados Unidos foi uma viagem de treinamento. Que eu trabalhava numa empresa americana. Eles me levaram pra lá pra fazer um treinamento. E o meu chefe, que na época era americano, ele sabia dessa história, desse meu sonho, desse meu desejo. Ele arrumou toda a viagem de tal sorte que no fim dela a gente passasse o final de semana em New Orleans pra mim matar esse desejo, esse sonho. Então, o desejo nasceu lá na minha cidadezinha, que é em função dessas coisas passadas da guerra. E o pessoal da cidade, até hoje eu tenho ainda lá vários parentes, que eu tive com eles lá. Eles contam várias histórias. A cidade, passou o zepelim por lá. O maior avião do mundo na época. Tinha 12 motores e tal. Pousou lá. É um avião que pousava na água. Pousou lá. O Truman, que era Presidente americano, pousou lá pra ir pra Europa visitar lá os soldados na guerra. Vários artistas famosos de Hollywood na época, que iam pra Europa pra se apresentar lá pros soldados, eles passavam por lá. Chegavam Pousavam lá de manhã. Dormiam, descansavam No outro dia iam embora. De forma que ela tinha uma certa cultura, uma certa movimentação na cidade em cima disso. E eu acho que isso fez com que não só eu, como muita gente de lá que quisesse sair, que quisesse. O que será que tem por trás dessas histórias todas? E uma coisa mais fantástica ainda, que é uma coincidência dessas da vida, que teve uma família de noruegueses que tinha navio. Que esses navios levavam madeira do Pará pro Ceará, e levavam sal do Ceará pro Pará. E esse pessoal, quando ia levar os navios pra fazer reparos, pintura, etc, lá na Noruega, eles paravam nessa minha cidade, enchiam o navio de locais lá, de cidadãos locais. Levavam. Eles iam trabalhando, pintando o navio até a Noruega. Lá eles terminavam de arrumar o navio. Voltavam com tudo pago pelo dono do navio. E na saída era uma festa. Na volta era outra festa. Aí eu comprei o livro da história da cidade. E quando eu estou lendo a história que eu ouvia dessa época, essa família de noruegueses era traduzida como a família Lourenço. Quando eu fui ver o livro, não era Lourenço, era Lorentzen. E pra minha surpresa era o meu, era Veracruz, que hoje também continua sendo dono de navios e era o avô dele que tinha esse navio que trafegava por lá. Eu dei a cópia desse livro, dessas páginas desse livro, pra ele. Aí ele ficou assim emocionado em saber que, de alguma forma a gente já teve alguma ligação. Meus pais conheceram os pais dele, e por aí vai. Então, muita coincidência nessa vida. Eu estou com ele trabalhando aqui na Aracruz há 20 e tantos anos. Já conheço ele há 20 e poucos anos. E isso nos ligou ainda um pouco mais. Mas então a cidade tinha essa faceta muito cultural, que tem até hoje. Ainda se sente um pouco nas pessoas isso. E um lugar pobre, como qualquer lugar do Nordeste, era mais um lugar pequeno. Mas era um pessoal besta. Eles chamavam o pessoal metido a saber fazer poesia, a ler Camões, a entender de cinema. Minha mãe tocou piano no cinema. O cinema era mudo naquela época, e tinha um piano atrás da tela. Cada filme que vinha, vinha com as partituras. E minha mãe tinha mais duas irmãs. Todas três tocavam piano. E as três se revezavam atrás da tela porque elas também queriam ver o filme. Então elas ficavam, cada noite uma tocava pra acompanhar aqueles filmes lá do Charles Chaplin, aquelas coisas todas lá. Só pra dar uma idéia de como a cidade tinha lá os seus centros culturais. E muito, que é claro, que foi em função de ser um ponto onde vem muita gente de fora. Traz cultura, traz conhecimento, impõe determinados padrões. A presença de uns soldados americanos lá também impõe porque, em geral, onde vai soldado em época de guerra ou em época de paz, eles levam música, eles levam apresentações, eles levam cultura. Às vezes, quando ia alguém daqui pra lá, alguma Daniela Mercury da vida pra animar o pessoal. Tudo isso vai ajudando a transmitir. E o Nordeste em geral tem essa parte cultural muito forte. Às vezes muito mais forte até do que o sul. Então, na minha avaliação dos porquês de alguns atrasos do Brasil, porque que a gente ficou pra trás em relação, por exemplo, aos americanos. Nós somos da mesma idade e nos atrasamos muito. Chegamos a ser até mais adiantados. Ouro Preto foi melhor do que Nova York algum tempo atrás. Mas em parte eu acho que também é o excesso de pensamento poético e pouco pensamento matemático nesse país. O país é um país que não tem muita propensão pros negócios, muita propensão pra matemática. Ele visa o, você pega lá, a maioria dos Presidentes nesse país são poetas, são sociólogos, são caras de muito boas intenções, de muitas idéias assim mirabolantes do ponto de vista de resolver os problemas, mas ninguém faz conta. Aí a dívida aumenta. Aí a gente depois tem que aumentar os juros. E aí complica. Enquanto no modelo americano lá os caras eram talvez menos preparados culturalmente no âmbito geral, mas na matemática eles sempre foram muito bons. E tudo faz a conta direitinho pra chegar lá. Então, a minha cidade era desse tipo.

P - Voltando um pouco. Agora, sim, a gente teve um panorama muito interessante. Mas voltando um pouco nessa cidade, como que era viver com os avós, como era a casa, como é essa memória do menino aí?

R - Meu avô era pobre. Você pode imaginar que um empregado da Estrada de Ferro já aposentado, mesmo que o Brasil naquela época fosse um pouco mais justo, um pouco melhor do que é hoje, ainda assim era muito pobre. Pra dar um exemplo, eu nunca, nessa época eu era pobre porque nessa época também não tinha roupa, você não comprava roupa pronta. Toda a roupa lá de casa era feita pela minha avó. E aí se rasgasse qualquer coisa. Porque não tinha uma outra roupa nova. Você tinha que consertar aquilo ali e ficar eternamente com aquela roupa. Trocar um sapato era uma coisa raríssima. Daí eu andava a maior parte do tempo com o pé descalço. Eu não tinha sapato a não ser pra ir pra escola e voltar. Refeição da gente era boa, mas era muito simples. Café da manhã era um leite tirado direto do peito da vaca. O almoço era ovo com arroz e feijão. E às vezes no jantar tinha uma carne ou alguma coisa assim, mas era tudo muito regrado. E o restante a gente complementava plantando no quintal onde tinha milho, feijão, melancia, aquelas coisas que só dava também quando chovia. Como lá é seco, era difícil pra gente. E muitas vezes a gente guardava coisas pra época que não tinha chuva. Água era tirada de cacimba. Todo dia tinha que puxar água pra encher os potes. Lá não tinha bomba. Energia, uma hora por noite. Energia acendia às seis e apagava às sete, na cidade. Eu estudava à noite. Fiz o ginásio à noite. Pra começar, eu não fiz o primário em escola, eu fiz o primário em casa. Não tinha como frequentar a escola. Tinha que pagar. Não tinha escola pública, e todas as que tinham estavam lotadas. E os ricos é que iam pra escola lá. Então eu estudei em casa basicamente. O último ano antes, que antecede o ginásio, que a gente chamava naquela época. Tinha o exame de admissão. Aí sim, aí eu, tinha uma tia minha que era professora numa escola e ela disse: “Não, você vem, você vai entrar aqui mesmo que não tenha, ninguém aceite. Mas você vai aprender o que os outros estão aprendendo, de qualquer jeito.” Aí eu ia. Bom, aí entrei no ginásio. Era o aluno mais jovem do ginásio. E esse foi o primeiro ano que foi instaurado no ginásio lá na cidade, que era de padres e tal. E, por ser o mais novo, e tinha gente que trabalhava, que tava fazendo o ginásio.

Um pessoal bem mais velho e tal. Então era super bem tratado lá. E fiz o ginásio todo à noite, à luz de petromax, que eram uns candeeiros lá especiais que tinha naquela época, porque não tinha energia elétrica a não ser das seis às sete.

P - Borracha era miolo de pão?

R - Não, acho que tinha borracha, aquelas borrachas que fica na ponta em cima aqui do lápis, mas não tinha essa borrachinha legal não. Mas tinha aquelas lá que você, quando apagava sujava mais o caderno do que apagava. Eu me lembro que eu morria de medo quando terminava a aula, que eu ia voltar pra casa na escuridão. Os meninos mais ricos tinham lanterna pra voltar pra casa e eu não tinha. Voltava no escuro mesmo. E toda noite era um sofrimento porque, em determinados locais, tinha uns cachorros das casas, cuidando das casas, que eles corriam atrás da gente. Então toda noite eu tinha aquela, eu me lembro muito bem daquele pavor que eu ia ter que passar, sair correndo e o cachorro atrás. Vários cachorros, não era só um. Então foi duro. Era complicado. Então fiquei lá até terminar esse ginásio. Aí foi quando a gente foi pra Fortaleza, aí já tinha outro jeito de vida e tal. Mas a vida da gente era bastante apertada. Eu lembro que, quando eu sonhava com um brinquedo que eu via na casa dos meus primos, eu queria um brinquedo daqueles lá e a minha avó dizia: “Não, então você vai ter que tirar as siriguelas das algas e vender nos bares pra juntar dinheiro pra comprar o brinquedo.” E eu me lembro que eu morria de vergonha de pegar uma cesta, botar na cabeça, enchia de siriguelas e ia vender no bar. E o bar era de um primo meu. Então, pior ainda. A vergonha, o mico era maior de chegar lá com aquele troço e tal. E, realmente, quando eu chegava lá eles me gozavam pra caramba, mas me compravam. Eu levava o dinheiro de volta até juntar o suficiente pra comprar o brinquedo. Que era um brinquedo, às vezes, muito simples e tal. Mas não tinha. Meus brinquedos todos eram inventados pelo meu avô. Então era um ferro elétrico, um ferro de passar que ficava velho. Arrancava a tampa, enchia de areia e botava um arame amarrado e eu saía puxando como se fosse um carro, sem roda. Ou então um carro de roda de madeira que ele fabricava na marcenariazinha no fundo de quintal e então era essa. Mas eu não tenho nenhuma lembrança ruim. Só tenho lembranças boas. Joguei muito bola de gude. Jogava futebol. Quando chovia era uma coisa sensacional, porque não chove. Quando chovia eu me lembro que a gente saía feito louco pro meio da rua pra se molhar todo. Aí formava poça d’água, a gente mergulhava na poça d’água. Aquilo ali era uma verdadeira consagração. Você ficar na chuva no dia que chovia. Era tão raro que valia a pena. Lembro muito também que, de manhã muito cedo, a gente acordava cinco horas pra... a gente tinha lá umas três vacas em nosso quintal, que era de onde a gente tirava o leite. E eu acordava cinco horas pra ir com o meu avô levar essas vacas pra um pasto pra elas comerem. E depois quando voltava a gente ia, na época de previsão de chuva, a gente ia plantar. Ele furava as covas e eu ia plantando, ia jogando o milho ou o feijão dentro da cova e fechando a cova com o pé. Eu detestava fazer aquilo também, mas era um trabalho chato, horrível, pesado, mas fazia porque não tinha ajudante. Não tinha como pagar ninguém. Tinha que fazer. E ele sempre dizia pra mim: “Você vai estudar pra não fazer isso. É duro, eu sei que é duro. Você fica nesse sol quente, é um sofrimento grande. Vai estudar pra você não ter que passar por isso que eu estou passando.” Ele sempre me incentivou muito a estudar.

P - Quem que te alfabetizou na casa?

R - Minha avó. Quem me ensinou tudo foi minha avó. Apanhei um bocado, evidentemente, de palmatória e tal, pra poder dar conta. Porque eu preferia sair pra jogar pelada, jogar futebol com a meninada do que ficar estudando. Mas como era ela quem ensinava, tinha um controle total. Quando eu entrei nessa escola aí, já pra fazer o exame de admissão, várias vezes eu saí da escola pra ir brincar de futebol com a meninada e a minha tia foi lá, ia lá e me entregava. Quando eu chegava, era uma surra boa pra consertar.

P - Nesse período, só você ficou morando com os avós?

R - Não. Tinha mais um outro primo meu que também morou junto, mas por pouco tempo. Ele é bem mais velho do que eu e logo ele saiu e foi pro seminário, já lá em Sobral. Voltou pra Sobral pra fazer o seminário lá. Aí eu fiquei completamente só.

P - E seus pais iam te visitar com frequência?

R - Não. Eu ia mais lá na casa deles porque os meus avós iam muito lá. Mas eu não tinha intimidade nenhuma com eles assim. Tanto que eu, papai e mamãe eram meus avós e eles, aprendi a chamá-los de papai Moacir e mamãe Francisquinha. Dizia o nome de cada um, quer dizer, é uma coisa bem distante assim. E se ele me perguntasse: “Você não quer vir aqui pra casa e tal e coisa?” “Ah, não quero.” Fiquei por lá. Evidentemente que os padrões de vida eram diferentes. Na minha casa lá com meus irmãos tinha outro padrão porque meu pai ganhava muito melhor. Era muito mais jovem. Tava na ativa. Minha mãe também. Não trabalhava, mas ganhava o dinheiro do governo como acontece nesse país. Então a gente tinha um padrão de vida bem melhor do que o que eu tinha lá morando com o meu avô. Mas aquilo eu não dava conta dessa diferença. Nunca prestei atenção pra isso. Minha roupa, eu nunca olhei se as roupas das meninas eram melhores do que a minha ou se. Eu sabia que a comida era melhor porque quando eu ia lá eu adorava comer doce. Lá em casa não tinha. Eu comia uma goiabada, achava maravilhoso. Comia um bom bolo e tal, que lá em casa não tinha. Então, sabia que a comida era melhor.

P - Hoje, olhando, o que você acha que fez essa, te levou a optar por essa vivência com os avós? Você consegue identificar alguma coisa?

R - Bom, se eu imaginar porque que lá atrás eu decidi isso, eu não tenho a menor idéia. Eu sei que hoje eu tive lucro com isso. Eu acho que foi a melhor decisão de todos nós juntos. Dos meus pais atuais, dos meus avós e minha. Mas eu não tenho nada a ver com a decisão. Fui ficando e pronto. Mas eu acho que é o seguinte. Eu costumo dizer pra minha mulher que eu só tenho dois amores incondicionais. Amores por mim, não eu por eles. Mas eu costumo dizer que esse povo é muito melhor do que eu. Foi o meu avô e minha mulher. Esses dois têm um amor que eu posso fazer a besteira que eu quiser que eles estão comigo. Não sei se a recíproca é verdadeira, mas que de lá pra cá é, eu sei que é. Por decisão deles, não é por mérito meu. São eles que querem ser assim. Eu acho ótimo. Então, eu sempre tive um carinho, um amor desse meu avô. Eu diria até que mais dele do que da minha avó. Geralmente o pessoal diz que o homem gosta mais da mãe e tal. Mas eu gostava muito mais dele do que gostava da minha avó. Então eu sentia essa força grande. Ele, apesar de ser um homem com, só tinha o primário, tinha pouquíssima instrução.

Mas era uma pessoa sorridente sempre. Eu nunca vi aquele homem triste, só vi ele chorar uma vez na vida. Foi no dia que eu vim embora, quando me formei, que eu vim embora pro sul. Mas ele chorou ali duas lagrimzinhas e sempre dizia o seguinte: “Vai que você está certo, você vai vencer. Você é um vencedor e tal.” Então ele nunca foi um cara triste, nunca foi um cara de reclamar de absolutamente nada. Era um cara que acho que não sentia nem dor. Porque eu vi ele se cortar várias vezes, trabalhando com um machado partindo lenha. Ele partiu o pé, o cara não dizia um palavrão. Não reclamava: “Pô, eu parti o pé. E agora o que eu vou fazer?” Aí ia lá ele mesmo, numa planta daquela. Cortava, pingava aquele leite, aquele troço todo, amarrava tudo e tal. E não berrava, não enchia o saco, não reclamava de nada. Era um cara especial. Tanto que a minha mulher morou com ele um ano quando eu casei estudante. Ela morou lá em casa um ano. Ela se apaixonou por ele de uma forma tal assim que eu acho que ela já gostava mais dele do que eu gostava. Do que eu, tendo vivido tanto. É um cara especial. Dentro da ignorância de instrução que ele tinha, ele tinha uma visão de vida, uma psicologia que eu digo. Eu costumo dizer o seguinte. O brasileiro, a psicologia do brasileiro é pra baixo, é um cara fraco. A gente vende esse peixe. E você vê qualquer americano, por mais estúpido que seja, ele acha que vai ganhar. Ele acha que é bom. Aqui a gente sempre acha que bom é o estrangeiro, é o europeu, é o não sei quem. E a gente é. E esse cara não era assim. Meu avô sempre era um cara que: “Eu faço, eu resolvo. Você vai resolver. Você vai.” Eu tava estudando pras provas assim, na faculdade, ele chegava lá: “Caboclo,” ele me chamava de Caboclo, “Caboclo, como é que ta aí?” “Ih, rapaz, eu acho que vou me ferrar nessa prova. Não estou conseguindo entender este troço de jeito nenhum. Não estou conseguindo engrenar.” Ele diz: “Ah, não. Não é assim não. Você é inteligente, você não vai fazer uma prova numa situação dessas. Estuda mais umas duas horas pra você ver se você não vai aprender esse troço.” Aquilo me dava uma responsabilidade, uma vontade de provar pra ele que ele tava certo. Não era nem provar pra mim, era provar pra ele que ele tava certo, que eu ficava ali até dar certo. Então tinha essa. E eu acho que isso me prendia, porque quem não quer ser amado, quem não quer ser gostado incondicionalmente? Eu lembro que eu ria muito porque, até quando eu já estava grande, que esse meu primo voltava de férias pra lá, que a gente saía os dois na noite e os dois bebíamos. Separados. A gente não andava junto. Aí voltávamos pra casa. De vez em quando vomitava, aquele negócio todo. E ele dizia que o outro vomitou porque tinha bebido. E eu não. Era porque eu tinha comido alguma coisa estragada. Ou seja, então tinha aquela proteção que era sensacional. Eu ria. Depois, aí ele riu também porque “Pô, pai, isso é que é proteção. O Francisco bebe, foi o porre. Eu bebo, foi a comida.” “É, porque você sabe beber. É diferente dele e tal. Você sabe se comportar, não sei o quê e tal. Isso aí foi alguma comida que estragou. Não foi a bebida em si.” Então, são exemplos assim de, vamos dizer, de como a pessoa é sem deixar de, na hora que tinha que ir pro pau, ia pro pau também. Ele nunca me deu colher de chá. Nunca. Sempre numa disciplina ferrenha, como era dos pais daquele tempo. Não tinha essa história de psicologia aí de que você não pode bater, que não sei o que. Na hora que tinha que bater, batia. Na hora de proibir de fazer as coisas, proibia. E ficar de castigo, ficava. Não tinha conversa. Tinha a palmatória pendurada lá, sempre mostrando: “Olha, aqui a regra do jogo está por aqui. Te manca aí também.” Então, eu acho que essa, não é uma decisão, essa foi uma consequência de toda essa paixão aí que existia entre a gente. E a minha avó, do jeito dela também. Ela era uma mulher fortíssima. Ele era generoso, bondoso. E ela era forte e decidida, ambiciosa. Dentro da pobreza dela, ela nunca aceitava ser pobre. Ela sempre dizia: “Você tem que ser ali como aquele fulano lá e tal. Você tem que se vestir como aquele cara lá. Você tem que estudar pra chegar daquele jeito. Você tem que saber tocar piano, porque quem toca piano é melhor na sociedade. Não sei o que e tal.” Então, me obrigava a estudar piano. Eu achava ruim pra caramba, mas ia. Levava uns tapas da professora, mas ia e tal. Então, tinham esses dois lados que foram forjando aí a minha forma de ser. Eu adoro a forma generosa desse meu avô e procuro praticar isso, muitas vezes até como forma de agradecimento a ele. E ao mesmo tempo eu tenho os meus objetivos, tenho a minha força de vontade de conseguir fazer determinadas coisas que vieram dela. E que a minha mãe atual também tem. Minha mãe atual também é uma mulher forte pra caramba, uma mulher que não se entrega, uma mulher que se põe lá em cima, sabe, assim que...

P - Desculpe interromper só um instante, por favor.

R - Então eu acho que toda esse clima de família da minha formação e eu vejo as influências disso no restante da minha vida. Não tenho dúvida nenhuma que isso influenciou pra mim ter uma certa ambição comedida, uma certa, ser um cara desafiador, mas ao mesmo tempo com muito bom senso. Então, tem um certo equilíbrio na minha forma de agir que vem dessa dupla lá que me criou. E depois o meu pai e a minha mãe são muito parecidos com os avós. Meu pai é um sujeito de alto bom senso, um cara generosíssimo, pacato e tal. E minha mãe é aquela mulher forte, tem que fazer, tem que não sei o que. Tão forte que até eu acho que prejudicou um pouco o futuro das minhas irmãs que se submeteram muito mais à força dela enquanto eu e o meu irmão nos liberamos muito mais cedo. Nunca aceitamos a coisa. Mas sempre fomos motivados por esse desafio. Então, quando. Uma outra coisa interessante pra falar então do sistema de vida, quando eu fui fazer o vestibular, que eu já fiz o científico lá em Fortaleza, no Colégio Marista. Aí já tinha a presença do meu pai biológico querendo que eu estudasse num colégio bom. Não era pra ir mais pro Liceu, que era um colégio público, mas já estava naquela época começando a decadência do ensino público, que tinha sido muito melhor do que o privado. E ele me pos no Colégio Marista. Era um colégio na época muito forte e tal. Eu fiz todo o científico lá. Quando foi pra entrar na faculdade, eu levei um pau no primeiro vestibular até porque eu não sabia que tinha vestibular. Pra ver como eu era bem desinformado dessas coisas todas. Eu achava que eu terminava o científico, do mesmo jeito que eu terminei o ginásio e entrei no científico eu achava que ia entrar em qualquer Universidade direto. Aí os caras: “Não, tem que fazer um cursinho.” Eu fui fazer a prova. Não sabia absolutamente nada. Pau. Aí eles falaram: “Não, mas tem que fazer um cursinho, não sei o que.” Aí não tinha cursinho ainda no formato que tem hoje. Tinha uns colégios lá que fazia algumas aulas especiais. Mas aí surgiu, isso já foi em 64, surgiu na Sudene um curso preparatório pra vestibular pago pela Sudene. Talvez tenha sido o primeiro cursinho no modelo dos atuais lá no Nordeste. E ele tinha uma coisa fundamental, que pra você entrar nesse cursinho você passava por uma entrevista. Iam lá Assistentes Sociais na minha casa, na casa do meu avô. Olhava quantas calças, quantas camisas, quantos sapatos, quanta cueca, o quê que eu comia e tal. E decidia que eu era pobre. E ele dizia: “Mas isso aí não vai dar certo porque eu posso estar aqui na minha casa e ser rico. Você ir lá entrevistar na casa de um pobre.” Mas funcionou. E, ao mesmo tempo, eles diziam o seguinte. Que tinha que ter também ricos dentro dessa mesma sala de aula pra poder os ricos servir de exemplo pros pobres, por terem uma formação, vamos dizer, escolar talvez melhor que a que os pobres tinham. Uma formação intelectual talvez melhor. E uma formação de empreendedorismo talvez melhor, o que era verdade. Eu sei porque eu era pobre, não sabia nem que tinha vestibular. Então, pra você ver a minha desinformação naquele tempo. E quando a gente formou a nossa sala, por exemplo, no cursinho, tinha assim uns 70% ou 80% de caras como eu, que vinha de família bastante pobre, e os 30% de caras de classe média porque naquele tempo não tinha nem rico no Ceará ainda. Mas tinha de classe média alta e tal. Que, caras com muito mais informação. Muito mais empreendedores, sabe, muito mais decididos do que a gente, que serviu de exemplo pra gente. E você estudava o ano inteiro, ganhava uma bolsa de estudo. Você ganhava, não você pagava, você ganhava uma bolsa de estudo. Você podia tirar zero no primeiro mês de prova, podia tirar zero em tudo, não tinha problema nenhum. Só que, depois de seis meses, você tinha que subir, não

podia nunca mais cair. Você tinha que dar uma subida até nivelar em nota sete. Daí não podia mais abaixar. Se abaixasse você perdia a bolsa, perdia o cursinho e tudo. Então, você via que a gente estudava dia e noite. E principalmente quem nunca tinha ganho um tostão na vida e que de repente tava com uma bolsa daquela na mão.

P - Dr. Aguiar, eu queria que o senhor reformulasse a seguinte questão. Porque a família decidiu ir pra Fortaleza?

R - Porque, primeiro várias irmãs minhas que tinham feito o ginásio lá no interior precisavam continuar estudando e foram morar com outros parentes nossos lá em Fortaleza. Então, nós ficávamos um negócio meio complicado. Então, elas estavam morando na casa dos outros, embora fossem primos e etc e tal, mas era complicado. Então nós éramos oito. Então duas já tinham ido embora. E o resto ia precisar ir. Então aí o meu pai biológico chegou à conclusão que não dava pra ficar lá na cidade. Teria que mudar pra Fortaleza. E aí transferiu o trabalho dele dos correios pra lá. E ao se transferir pra lá, ia chegar a hora de eu terminar também o meu e ter que ir. E aí ficou aquele drama, se eu iria morar com eles lá em Fortaleza e deixava os avós sozinhos aqui, ou se os avós iam pra lá. E o que ocorreu é que os avós foram juntos, o que eu diria que foi uma tristeza muito grande. Aí que eu digo o valor desse homem porque, a casa que a gente morava foi construída por ele com as próprias mãos, ele e um pedreiro. Ele todo dia ia pro quintal lá plantar, cortar e serrar e fazer as coisas. Subia em telhado. Ele era um cara, apesar de aposentado, atívisimo na vida. E ele teve que vender o terreno dele de lá, tudo que ele construiu, vender e se submeter a morar lá em Fortaleza numa casa alugada, paga pelo meu pai. Devendo favor pro genro, pra poder ficar comigo. E aí tiveram várias coisas desagradáveis no meio do caminho porque, depois disso a minha mãe, que era louca por eles também, fez com que um cunhado dela que tinha dinheiro, que era deputado, comprasse uma casa pro meu avô, pra que ele não sentisse mais aquele peso de estar alguém pagando o aluguel. Aí o cara comprou a casa. O cara tinha dinheiro. Comprou uma casinha pequenininha, pobre lá e tal. Aí eu voltei, voltamos a morar nessa casa juntos. E depois de algum tempo a filha dele, mulher desse cara que comprou a casa, quis tomar a casa. Quer dizer, a filha querendo tomar a casa do pai. E aí você vê o transtorno que dá isso numa família. Eu tava já trabalhando no sul. Aí peguei o avião e fui pra lá e tal. Aí resolvemos a coisa pra não ter que eles sair da casa. Mas é complicado. Mas a razão foi essa. Pra o pessoal estudar.

P - E o vestibular, eu quero saber o que é que o levou a fazer Engenharia Química.

R - Pois é. Aí então, quando eu fiz esse cursinho, esse cursinho era pago pela Sudene, foi uma idealização inicial do Celso Furtado. Que, no fundo, o cursinho era pra gente estudar mas também pra você ser líder. Então eu tinha aula de Marxismo, de sociologias, e provando que o Brasil tava tudo errado, que tinha que ser implantado era o comunismo mesmo, não sei o quê e tal. Só que aí veio a revolução e aí essa parte política foi abolida do sistema e ficou só a parte realmente de estudo. Então, mas eu peguei, eu assisti muita aula, muito filmezinho do Che Guevara não sei o quê e tal. Ainda peguei muito dessas histórias. Tanto que eu, durante os meus primeiros dois anos de faculdade eu era bastante esquerdista e tal. Até que eu enxerguei algumas coisas que estavam indo pelo caminho muito errado. E aí caí fora desse processo. Mas, então eu fiz o cursinho. Fui crescendo nas notas. Comecei muito mole e fui crescendo nas notas. Me mantive lá acima da nota sete, que era obrigatória. E inclusive essa coisa era interessante porque quando, se você passasse no vestibular e entrasse na faculdade, pra receber a bolsa você tinha que manter as médias lá em cima também. Pra receber durante a faculdade inteira. Então foi muito bom porque ajudou, durante a faculdade, a gente manter um certo padrão. E, na hora de decidir que carreira fazer, porque que eu decidi fazer Engenharia? Porque não tinha, não tem muito racional por trás da minha decisão não. O que acontece é que eu tinha, é o que eu te digo. Esses amigos mais ricos, eles sabiam exatamente que queriam fazer Medicina ou Engenharia ou Agronomia ou não sei o quê e tal. E como eu tinha um amigo que era mais influente sobre mim do que os outros e ele queria fazer Engenharia, eu: "Eu vou querer fazer que nem você, vou fazer Engenharia também." Então, foi por aí que eu decidi. E Engenharia Química foi por acaso. Também porque, quando eu estava já prestes a fazer o vestibular, foi fundada a Faculdade de Engenharia Química naquele ano. Aí eu gostei muito do símbolo da Engenharia Química. Eu achei: "Pô, uma coisa nova que não tem aqui. Vai ser melhor, vai ter mais mercado pra mim e tal. Vai ter mais charme e tal." Aí achei um monte de desculpa boa pra fazer a Engenharia Química e fiz Engenharia Química. Mas eu podia ter feito Mecânica, Civil, qualquer outra aí que. Eu sempre digo pras minhas filhas: "Eu acho que se eu fosse ser padre eu ia ser um bom padre, se eu fosse ser médico eu ia ser um bom médico. Apesar de eu não gostar de sangue, mas a gente aprende. Se eu fosse. Eu não acredito tanto assim que tenha uma vocação. "Não, se eu não fizer a carreira que eu estou querendo fazer, eu vou ser infeliz na vida." Nunca acreditei nisso. Eu acho que a gente é infeliz é quando você põe na cabeça dificuldades que na realidade o mundo não te apresenta. Você é que cria as dificuldades. Eu faço qualquer coisa que for. Tanto é que, depois de ser engenheiro, eu aprendi um monte de coisa que não tem nada a ver com Engenharia e que eu estudei. E fui atrás, fui buscar pra aprender. Que não tinha nada a ver com a minha Engenharia. Então foi muito, não foi assim uma coisa que veio dos meus pais ou que eu visualizei que eu ia ser o presidente da Aracruz. Nada disso. Eu venho com esse meu colega, filho de rico. Vai fazer esse troço, deve ser bom. Pô, essa aqui que é novinha, tem um símbolo bonito e tal, charmosa e tal, deve ser melhor ainda. Então eu fui por aí. Não vou mentir pra vocês que foi uma coisa pensada e tal porque realmente não teve nada disso.

P - E o trabalho nessa época do vestibular, já começou a trabalhar?

R - Não. Apesar de toda a pobreza, eu não tinha como trabalhar porque eu tinha aula de manhã e de tarde e tinha que estudar de noite, pra dar conta das aulas. Era pesado, o cursinho era seríssimo. Era uma coisa, pra gente ganhar dinheiro a gente tinha que responder bem aquele negócio. Então não trabalhava. E durante a faculdade inteira eu trabalhei, mas não um trabalho formal, com carteira assinada. Eu sempre dei aula em cursinho ou em colégios substituindo professores.

P - De que matéria?

R - Química. Dei aula de química e nem gostava de química não. Mas era o que o pessoal me dava pra dar aula, eu dava. É o que eu te digo. Se mandar dar aula de religião, eu vou estudar e vou dar aula de religião também. Não tem problema. Então, eu pegava aquilo e estudava e ia dar aula. E ganhava o dinheiro que era deles. Como eles não podiam dar por outras razões, eu dava a aula deles e depois eles me pagavam aquela aula. E, ao mesmo tempo, pra ganhar dinheiro, já que a minha Engenharia Química era de manhã e de tarde também. Não tinha chance de você trabalhar. Tinha algumas pessoas que trabalhavam no Banco do Nordeste. Já eram funcionários do Banco e então fizeram vestibular e entraram.

Mas aí o Banco dava umas colher de chá pra eles faltarem e tal. Eu não tinha esse privilégio. Então, tinha que me virar de noite. Então eu dava aula à noite ou eu tocava. Nós formamos uma banda, eu tocava numa banda. Eu tocava piano. Era o mais novo dessa banda também, era o único não profissional da banda. Nunca aceitei tirar a carteira de músico. Porque, primeiro, que músico naquele tempo era mal visto, era boêmio e não sei o que, vagabundo, não queria estudar e tal. Então eu não queria ter essa pecha. Mas tocava com eles. E ao mesmo tempo, que eu era menor ainda. Foi logo na época que eu comecei a faculdade. Eu ainda era abaixo de 18 anos. Eu não podia tirar a carteira também. Então eu tocava à noite nos bailes. E também outra coisa que eu queria era a minha liberdade. Então chegava no baile e dizia: “Eu vou dançar com aquela moça lá e tal.” E o profissional não podia ir. Como eu não era, eu podia ir. Então, “Você vai dançar?” Digo: “Vou. Eu vou dançar com ela, você fica tocando pra mim aí.” Então era legal.

P - O que é que vocês tocavam?

R - Naquela época era salsa, bolero, cha cha cha. Eram as músicas da época romântica aí, que era isso na década de, entre 64 e 69, na época da Revolução aqui. E a época era bastante, apesar da Revolução, da repressão e tudo mais, a música era muito gostoso naquele tempo. A música brasileira fez um salto enorme, bossa nova e não sei o quê. Então era bossa nova, era música cubana, tal. Música italiana, que naquele tempo tinha penetração muito grande. E depois eu parei de tocar, porque aí a faculdade foi ficando mais difícil. Aí eu parei de tocar.

P - A banda como se chamava?

R - Eu toquei em várias bandas. Na época tinha o Tampa Trio aqui no Rio. A nossa era Tampa Trio. E aí esse Tampa Trio foi formado assim. A gente tinha uma turma bastante esquerdista lá, e a turma estava um pouco se dissolvendo assim. Um preso. Outros saíam à noite pra pichar parede. E tava um pouco perdendo o rumo. Aí começou cada um pro seu lado, cada um tendo medo uns dos outros. Porque quando você entra na clandestinidade, entra numa dessas organizações secretas, de Partido Comunista e não sei o que, vai ficando um negócio muito difícil de conviver com aquelas pessoas. Além do que, as pessoas que se dedicam a isso elas entram como se entrassem numa Maçonaria ou numa religião xiita. Eles ficam doutrinados de tal sorte que ficavam, eu comecei a enjoar de falar com aqueles caras, apesar de eu também na época ser esquerdista, eu digo: “Pô, mas tudo se explica através disso? Não pode estar certo. No mundo lá fora não é assim.” Eu sempre desconfie do mundo interno. Por isso que eu sempre quis sair do Ceará, quis sair do Brasil. Eu sempre desconfie quando as coisas estão muito iguais. Não pode estar certo. Todo mundo pensando igual não pode dar certo não. E aí eu convenci o padre: “Oh, padre, o pessoal fica tudo comunista aqui. Vai acabar com esse pessoal e tal. Então nós precisamos formar um conjunto aqui, uma banda pra gente reunir essa turma de novo.” Aí o padre foi lá e disse: “O que é preciso?” Eu: “Uma bateria, um contrabaixo, um piano. E aí a gente começa a formar essa banda. Vamos formar um trio tipo Tampa Trio, não sei o que e tal.” O padre mandou buscar um contrabaixo lá na polícia de Teresina. Conseguiu direto o contrabaixo. Compramos um piano velho lá e tal. Ele comprou a bateria. E formamos o Conjunto. E aí começou a atrair de novo as moças, os rapazes, praquelas noites lá do Conjunto tocando. Primeiro a gente aí tocava só por diversão. Depois tocava pra ganhar dinheiro também. Então era o Tampa Trio. Teve outra vez que a gente formou outra banda que foi tocar até em Brasília, que era Os Cariris. Essa banda também era música nordestina direto. E essa que eu tocava nos clubes assim, que já era música americana, cubana, italiana e tal. Essa não. Essa aí já era cheia de profissionais e os caras tocavam muito e tal. Então era diferente.

P - E os namoros, as paqueras, como que elas aconteciam?

R - Era bem diferente de hoje. Eu não sei se eram piores ou melhores. Mas eu diria que, na minha época, imperou muito mais aquela, não sei o que digo, anos dourados ou anos românticos e tal. Tudo era romântico no meu tempo. Então, o namoro era uma coisa quase que sublime assim. Você adorava as meninas pela beleza, pela amizade, e muito mais do que pelo toque, pelo agarrar, pelo lado sensual da coisa. Então, dançar era uma coisa fantástica. Você, quando dançava com uma moça, naquele tempo fazia fila pra pegar as meninas e tal. As mais bonitas ou as mais interessantes e tal. Eu nunca fui um cara muito namorador. Eu sempre fui um cara de, quando ligava em uma pessoa ficava admirando aquela pessoa por muito tempo e tal. Às vezes eu namorava uma pessoa e ela nem sabia. Então, era diferente naquela época do que é hoje. Não tinha muita aproximação. Você, pra pegar na mão da menina, levava não sei quantos meses naquela conversa mole, tentando convencê-la disso e tal. Pra dar um beijo, então, era difícil pra caramba. Então, tinha esse jeito diferente de ser. E eu acho que a gente também era diferente. Eu acho que os rapazes, naquela época, a gente tinha muito esporte, muito interesse fora do interesse que hoje é muito comum, da droga, do sexo, desse troço todo. A gente não tinha muito essa. Mesmo quando eu estava faculdade, eu já via algumas pessoas usando drogas. Mas a turma que eu andava, por exemplo, a gente até bebia. Bebia um bocado, tomava uns porres lá. Mas os porres eram assim num modelo Vinicius de Moraes. Era um porre pra ficar apaixonado, era um porre pra ficar corajoso pra declamar uma poesia com a namorada lá qualquer. Era um porre romântico, era um porre pelo porre, não era um porre pra quebrar as coisas ou pra ser violento. A gente nunca praticava esse tipo de coisas. Pelo menos na minha época, na minha turma, era assim. E tinha já, depois, se formando, essas tribos de gente que, aí sim, era violento. Aprendia karatê e ia testar na rua. Mas na minha época não teve muito isso. A gente era muito politizado. Eu participava muito dessas reuniões pra derrubar a ditadura e não sei o que, implantar o comunismo, aquelas coisas todas. Então a gente se dividia lá. Uns a favor, outros contra. Mas era uma discussão muito mais teórica do que outra coisa. Então, estudava-se muito também, na minha época. Quando eu fiz a minha faculdade, como era a primeira turma de Engenharia Química, nós nos reunimos. Nós éramos trinta alunos. Nos reunimos e propusemos um quorum de ética que a turma da esquerda disse que “isso é fascismo, isso é coisa da direita.” Nós, os alunos, nos impusemos um código de ética que ninguém podia colar naquela turma. E nós jubilamos quatro alunos que foram pegos colando.

P - Como assim conseguiram jubilar?

R - Porque provamos que o cara colou do outro. E o código existia e foi feito por nós. Não foi feito pela direção da faculdade, não foi feito pelo Exército, não foi feito por ninguém. Por nós. Então, “Nós vamos fazer isso e nós vamos seguir a regra.” “Está feito?” “Está feito. Isso aqui não tem conversa mais.” Então, dois caras colaram um do outro, ta certo? Não foi nem o professor que entregou. Quando saíam duas notas iguais a gente pedia pra ver as provas. Tinha uma comissão que sentava: “Eu quero ver as provas aqui.” E aí via se houve coincidência ou se houve cola.

P - Vocês não eram fascistas. Vocês eram Stalinistas.

R - Stalinistas. A gente chamava os caras e dizia. Aí fazia o questionamento com eles lá e tal. E fizemos quatro caras saírem da nossa turma. E os caras nem eram de esquerda e nem eram de direita coisa nenhuma. Simplesmente colaram e acabou. Então, eu acho que isso foi uma coisa também crítica pra formação daquela turma. Dos vinte e poucos que ficaram, porque outros foram embora e vieram estudar no Rio e tal. Dos vinte e poucos que ficaram, todos deram certo na vida. Todos são homens. Eu, aqui e acolá encontro um deles. Todos são homens que dirigem alguma coisa, aqui ou no Nordeste ou seja onde for. E todos são homens com muita ética. A ética passou a ter um valor muito grande ali dentro daquela turma. A gente, exercício: "Oh, você pode fazer isso em casa, pode consultar todos os livros, mas não pode consultar o amigo." A gente não fazia mesmo. Não tinha essa coisa assim, essa permissividade que a gente tem hoje, naquela época lá não. Não estou dizendo que todas as turmas foram assim não, porque foi a primeira turma que foi a minha. Depois a segunda turma seguiu o exemplo. Na terceira já acabou. Porque aí entrou muito aquela pressão do pessoal da esquerda, que isso era fascismo, que isso era um absurdo, que todo mundo cola, que colar é uma coisa da natureza humana e não sei o que e tal. Aí por isso que o Brasil está onde está agora. Porque essa gente vai sempre abrindo mão das coisas em função de pseudo teorias que explicam: "Não, você está passando fome, pode matar." Então, você abre mão desse princípio. Aí daqui a pouco o cara que não está passando fome, mas está insatisfeito, ele mata também porque, pô, matar já não é uma coisa tão grave como foi. Já não é pecado mortal mais, já não é isso. E as religiões cada vez mais estão afrouxando também pra faturar. Então, o mercado funciona também assim.

P - Você falou, no início, um pouco, que você conheceu sua esposa nesse período de faculdade. Casou ainda...

R - É, quando...

P - Fala um pouquinho dela, como é que foi isso?

R - Eu acho que eu estava ainda no segundo ano da Engenharia. Ela morava em Recife e sempre passava as férias em Fortaleza na casa dos primos lá. E, por acaso, era no bairro que eu morava. E, numa noite lá que a gente fazia essas festinhas. Em vez de fazer uma festa numa boate, a gente fazia festa na casa dos outros, com disco e tal. E servia lá meia de seda, que é uma bebida, um pouquinho de nada de álcool com chocolate e não sei lá o quê. E nos conhecemos naquela noite lá. Eu tirei pra dançar e tal. E perguntei se podia namorar com ela. Ela era bonita, era de fora. E eu justamente estava pensando em pegar uma menina de fora, que aí não tinha que ficar preso. Depois terminava as férias, ela ia embora e tal. Aí dançamos. Eu perguntei se podia namorar. Ela topou. Ela disse: "Mas amanhã eu não venho que amanhã tem jogo do Ceará, eu não vou poder namorar." Eu disse: "Mas, pô, mal começou e você já vai mudando o curso das coisas." E ela disse: "Mas amanhã não posso vir de jeito nenhum." E aí fomos nos gostando. Isso foi nas férias de janeiro. Nas férias de julho ela veio novamente. Aí houve uma empatia muito grande. E nós passamos a nos corresponder mais. Aí tal. Daí a pouco eu tava fazendo uma carta por dia. Todo dia escrevia uma carta e botava no correio. Ela escrevia uma e botava pra cá. E aí, nas outras férias, ela foi pro Recife. Depois o pai dela foi transferido pra Santa Catarina. Aí complicou pra caramba porque eu tinha que juntar muito mais dinheiro, que era muito mais longe. Pegava o ônibus de Fortaleza pro Rio, do Rio pra lá. Eram três dias de viagem. E juntava dinheiro pra, na volta, eu voltar até o Rio de ônibus, do Rio pra Fortaleza de avião pelo menos. E aí ela também, às vezes, ia a Fortaleza. Mas a maior parte eu ia lá. E a gente escrevendo todo dia. Às vezes três cartas por dia. Chegava da faculdade, eu sentava lá e prrrrrrrraaaaaaaaaa. E aquilo ali foi um verdadeiro romance escrito. A gente brigava por carta. Ela contava que tinha feito não sei o que lá em Lages. Aí eu dava um esporro daqui pra lá: "Não pode fazer isso, não sei o que." "Não, mas porque eu tive que dançar não sei o que." "Mas não pode dançar sem me perguntar e tal." Eram aquelas brigas doidas lá por carta. E os meus amigos do Ceará, todos eram loucos por ela também. Então ela conquistava aquele pessoal todo. Que ela era uma mulher muito agradável, muito educada e tal. Aí o pai dela foi transferido pro Equador. Aí eu falei: "Ah, agora não dá. Não posso ir atrás de ti mais lá. Então nós vamos casar." "Como casar, se você não está trabalhando, está na faculdade ainda." "Ah, tem um monte de amigo meu que casou aqui e está vivendo. Então, pra lá eu não vou. Como nós gostamos muito um do outro, vamos nos casar." E ela disse: "Vamos morar aonde?" "Vamos morar em Fortaleza. Eu estou estudando, temos que morar aqui, e morar na casa do meu avô. Você vem ver a casa e olha pra ver se você topa, porque vai ser pobre, não tem jeito." E aí, quando eu fui falar, a primeira vez na vida que eu pedi alguma coisa pro meu pai, o pai biológico. Eu cheguei pra ele e disse o seguinte: "Olha, a Elaine vai, o pai dela foi transferido pro Equador. Ela vai ter que ir embora e eu não quero perder ela. Então eu quero casar. E é a primeira vez que eu estou pedindo alguma coisa pro senhor. Eu quero o seu apoio pra mim casar e, se for muito complicado, a gente vem morar aqui. Se ela não quiser morar na casa do meu avô porque a casa é muito humilde, a gente viria morar aqui. Quero ver se o senhor aceita." Aí, na hora ele disse: "Pô, meu filho, você nunca pediu nada, não sei o quê e tal. Isso é uma coisa justíssima e tal. Mande bala e pode ir pra frente." Porque eu sabia que a minha mãe não ia topa. Então fui logo nele que era o mais generoso. Ela era muito mais objetiva. Ela iria dizer: "É um absurdo casar estudante, não sei o que. Trazer uma mulher de outro lugar pra cá e tal. Isso não vai dar certo e tal." Nem falei com ela. Depois ela ficou possessa da vida, mas já tava decidido com o meu pai. Então casamos. Fomos morar lá. Ela era professora primária. Então ela passou a dar aula lá no Ceará. Sofria pra caramba, porque ela andava a pé não sei quantos quilômetros pra chegar na escola. Mas enfrentou aquilo de peito erguido, de cabeça erguida, de peito aberto, até eu terminar a faculdade. E nesse período que ela morou em Santa Catarina, que eu vinha pra Santa Catarina, tinha lá uma fábrica de celulose e papel. Então, pra mim não ficar lá janeiro e fevereiro sem fazer nada, ela conseguiu um estágio pra mim lá. Ela foi lá, falou com o diretor da fábrica. Que o pai dela era comandante do batalhão lá. Então tinha um prestígio grande. Conhecia bem toda a elite lá. E de vez em quando tínhamos jantares. Ela participava junto e eu via quem tinha lá oportunidades de trabalho. Então ela falou com esse americano: "Ah, meu namorado está vindo aí passar as férias aqui. Ele está fazendo Engenharia Química. Ele gostaria muito de fazer um estágio e tal. Dá pra conseguir um estágio aí pra ele, pra ele não ficar aqui, não perder essa oportunidade?" Aí o americano arranhou esse estágio. E fui lá. Trabalhei os dois meses. No ano seguinte eu trabalhei um mês. Quando eu tava no final do último ano da Engenharia, aí começa a vim aquela dúvida: "O que é que eu vou fazer da minha vida?" porque aí acabou essa vida mansa de estudante. Vai ter que trabalhar e não tinha a menor chance de enxergar o que poderia ser. Aí apareceu um concurso da Petrobras, pra ser Engenheiro da Petrobras. E, no meio do caminho. Só um parênteses aí. Quando eu casei, eu casei lá em Lages. E esse povo todo dessa amizade dela lá compareceu ao casamento, me conheceu mais de perto e tal. E fiz uma certa amizade com eles. Então, quando tava perto de terminar, que tinha que ir atrás de emprego, tinha o concurso da Petrobras para o qual eu tava

estudando pra fazer esse concurso. Que eu enxergava o único meio de eu sair do Ceará e ser alguma coisa na vida era vindo pra cá e talvez a Petrobras fosse um bom caminho, que eu vinha estudar no Rio e tal. E aí apareceu o convite pra ir lá pra essa fábrica dos americanos. Mas eu, com os meus cabelos longos e meu modelo socialista de pensar, eu disse: “Ah, você está louco. Vou lá pra trabalhar pro imperialismo yankee, trabalhar pra americano e tal.” Aí baixei o pau de estudar pra Petrobras, aquele troço todo. Mas aí, quando chegou o mês de dezembro, o americano, ele em pessoa fez uma carta pra mim, dizendo: “Pega um avião, venha pra cá. Vou lhe oferecer um bom trabalho, um bom desafio, que não sei o que e tal.” Aí eu fiquei seduzido: “Um cara que é diretor de uma empresa americana. Ele deve ter visto alguma coisa que preste aqui em mim e está me convidando assim, com tanto sulista lá à disposição dele. Tanto Engenheiro Químico sendo formado no Paraná, no Rio Grande do Sul e tal.” E aí eu disse pra minha mulher: “Eu acho que eu vou pra lá. Vou enfrentar esses yankee velho lá. E aí pegamos um ônibus. Eu não fui de avião. Morria de medo de chegar lá e ele não me pagar e acabava todo o meu dinheiro. Peguei um ônibus, viajei três dias e fui até lá. Aí cheguei lá e ele disse: “Cadê as passagens pra mim pagar de volta. Ta aí?” Eu falei: “Eu vim de ônibus.” “Ah, você veio de ônibus?” “Vim.” “Você é louco mesmo, né? Você dá pra trabalhar comigo.” Então aí comecei a trabalhar lá com eles. E esse cara é um dos meus gurus. Ainda é vivo. Mora nos Estados Unidos, mora no Canadá. Na realidade ele é canadense, mas viveu muitos anos nos Estados Unidos. Essa empresa naquela época se chamava Olinkraft Celulose e Papel Ltda. Era uma empresa 100% americana. E a diretoria dela toda era americana, canadense lá. E aí eu tive a minha primeira experiência real assim de confrontar os meus princípios políticos. Quando eu cheguei lá eu comecei a olhar e tal, trabalhar, e verifiquei que, em determinados setores da fábrica, o pessoal descarregava a madeira no caminhão pra ser processada, com as mãos. E aquilo fazia frio de dez graus abaixo de zero. Os caras sangravam as mãos. De vez em quando cortava e tal. Aí, um trabalho muito duro. Aí eu fui lá e falei com ele: “Samaro, coisa ridícula isso. Uma empresa americana. O pessoal lá sofrendo, descarregando aquelas toras com as mãos. Um frio. No meio do tempo, não sei o que e tal. Isso parece aquelas histórias assim que os imperialistas ficam usufruindo da pobreza do Terceiro Mundo e não sei o que e tal.” Ele só ouvindo. Quando terminei ele disse assim: “Bom, já que você tem esse pensamento tão puro, tão socialista, tão digno, vá lá e estude e me dê uma solução. Por exemplo, investimento, quanto vai custar, o retorno que isso vai ter, o que é que vai acontecer com as pessoas que estão trabalhando, não sei o que e tal. A melhoria que você vai ver.” Aí eu fui, estudei e voltei com um belíssimo de um projeto de mecanizar, botar um troço que tirava. Aí cheguei pra ele, mostrei tudo isso e ele disse assim: “Faltou uma coisa no trabalho aqui.” “O que foi?” “O que vai ser feito com as pessoas?” “Como assim?” “Não, se você vai botar lá um braço mecânico lá qualquer, um trator pra empurrar esse troço todo, não vai precisar de tanta gente. Lá tem trinta pessoas trabalhando. Você vai reduzir talvez a uns dez caras pra fazer tudo isso. Vinte vão ter que sobrar. E vai fazer o que esses 20?” Aí eu me toquei que eu não tinha pensado nisso. Então ele disse: “Volta e estuda de novo, tal e coisa.” Aí eu sentei com outros colegas mais experientes e os caras: “Não tem jeito, Doutor. Se não precisa dele, a empresa não vai poder pagar uma pessoa que não tem o que fazer. Vai ter que demitir.” Eu voltei pra ele: “Oh, tem que demitir vinte pessoas.” Aí ele disse o seguinte: “Eu folgo em saber que não é o imperialista yankee que está propondo isso, porque eu não estou propondo isso. Eu sei como é que é a solução também. Só que eu não tenho coragem de demitir as 20 pessoas. Eu acho que é complicado fazer essa demissão. Agora, Doutor, você é um engenheiro novo, você trouxe a solução. Você tem que implantar essa solução. Ou você acha que a solução é ruim?” Eu digo: “Do ponto de vista de Engenharia, a solução certa é essa.” “E do ponto de vista social?” “Não é a mais certa.” Aí eu comecei a ficar na dúvida. Aí ele disse o seguinte: “Olha, de uma vez por todas que não existe nada certo e nada errado definitivamente. Todas as soluções podem ter o certo e podem ter o errado. Depende do ângulo de quem está tomando a decisão. Agora, você quer a minha opinião pessoal? A decisão certa é a sua. Vá lá e demita porque esse é o certo. Eu não tenho coragem de fazer, mas o certo é esse mesmo. E as empresas que não fizerem isto, elas não vão longe. Eu sei que quando chegar na hora de decidir, decida. Não tenha beneplácitos com a coisa correta. Eu to fazendo errado.” Ele teve o peito de dizer isso pra mim. “Eu estou fazendo errado. O certo é esse. Vá lá e faça.”

P - E aí, qual que foi a decisão?

R - Aí foi duro. Aí eu chorei um bocado na minha casa e tal. Passei umas duas ou três noites muito ruins. Mas cheguei lá e fiz. E o certo é o certo. Eu tenho que fazer o certo. Aprendi a lição pro resto da vida. Parei de encher o saco deles de ser yankee, rico e não sei o que, e passei a entender que quando você tem que tomar decisão, uma decisão, lógico, você tem que olhar toda a ética da decisão, todo o conteúdo dela, pra tomar uma decisão. Mas não pode falhar na hora que você sabe que a decisão é aquela que tem que ser tomada. Então, passei por outras situações aqui dentro, onde eu tive que reduzir o quadro de pessoal aqui, em 93, violentamente. E sofri um bocado de novo, mas fiz com plena consciência de que depois eu vejo o resultado dessa decisão, pra frente. Porque toda decisão não pode ser vista no momento. Ela tem que ter um certo tempo pra provar que ela deu certo ou deu errado. Então aprendi muito com esse cara e aprendi muito nessa empresa porque ela é uma empresa muito cheia de gente quase que semi-analfabeta. Eu era um dos primeiros turmas de engenheiros a chegar nela. E aí eu vi várias coisas interessantes quando ele nos chamou, os engenheiros novos, e disse o seguinte: “Olha, vocês são o futuro dessa empresa. O que é que vocês querem ser?” Aí um, que era lá do sul, disse: “Eu quero ser logo Gerente de Produção, que aquele cara que está lá de Gerente de Produção é semi-analfabeto. E eu quero logo ser o chefe dele.” Aí ele se virou pra mim e: “Carlos, o que é que você pensa lá na área da celulose?” “Eu não quero ser o chefe dele.” Era um senhor já de bastante idade. “Eu quero ser o assistente dele. E daqui a alguns anos, quando ele se aposentar, eu posso ser o chefe do departamento. Agora eu não quero ser chefe dele.” “Mas porque?” “Primeiro porque ele sabe muito mais do que eu. Embora ele não seja engenheiro, embora ele seja ignorante, mas ele sabe pra caramba aquele troço que eu não sei. Eu nunca estudei isso. Eu vou aprender agora. Então, como é que eu vou ser chefe de uma coisa que eu não entendo? Então tem que aprender com ele. Se eu for chefe dele, ele não vai me ensinar. Se eu for assistente dele, ele vai me ensinar tudo.” E não deu outra. Quer dizer, eu conquistei o cara rapidamente, aprendi pra caramba e depois ele disse o seguinte: “Olha, o Carlos está pronto. Eu não preciso ser mais o chefe. Eu aceito que ele seja o meu chefe”. O cara pediu. Foi completamente diferente. Se eu tivesse ido por cima eu tinha quebrado a cara, com certeza. Como eu vi os outros, quebraram a cara lá. Essa empresa me ensinou muita coisa. Me ensinou muita coisa da forma como eu via até o estrangeiro. Os caras muito mais humanos do que eu imaginava que fosse. Muito mais solidários do que nós somos, nós aqui brasileiros somos. Um pessoal muito mais ético. Quer dizer, muito interessante. Aprendi pra caramba. Depois eu me senti preso. Santa Catarina não era o meu mundo. Não tinha praia, não tinha calor, o sotaque era muito diferente. Eu era visto como quase um bicho lá dentro. “O que é que o nordestino está fazendo aqui dentro? Como é que você resiste a esse frio?” As perguntas eram sempre essas. “Você está maluco, vim morar aqui, não sei o que.” Mas isso tinha uma ponta de discriminação, uma ponta de inveja, uma ponta de expulsão. Aí eu disse pra minha mulher. Eu digo: “Olha, você gosta daqui, você morou aqui e tudo mais. Eu não quero ficar aqui. Eu quero ir embora. Eu quero ir pra São Paulo.” “Pô, mas logo São Paulo? Lá tem muito mais discriminação do que aqui.” Eu digo: “Mas, se eu vencer em São Paulo, aí não tem mais, aí é só o exterior pra mim me provar. Eu vencendo lá eu venço no resto.” E aí, contra a

vontade dela, fui. Aí teve, a primeira vez que a gente teve uma decisão sem consenso. Aí eu disse: “Oh, se você não quer ir, você fica. Mas eu vou. Eu não fico aqui mais não. E quem trabalha sou eu. Então”

P - Em que ano foi isso?

R - Isso foi em 75, por aí, 76. Aí fui trabalhar noutra empresa americana lá em São Paulo. P2 – E como foi a chegada em São Paulo. Qual a visão da cidade?

R - Primeiro, antes de ir morar definitivamente, eu fui trabalhar lá. Eu fui com a minha mulher e duas crianças de, ainda, puxadas, pra ficar um mês num hotel lá trabalhando num projeto. Ficamos seis meses. Você imagina só uma mulher com duas crianças dentro de um hotel, na Avenida Nove de Julho, ali no Centro da Cidade. Duas crianças que nem andavam direito. Ela não tinha amigo lá em São Paulo. A gente não conhecia nada. Nem carro a gente tinha naquela época. Foi um inferno aquele troço. Ela agüentou firme. E esse americano, no final de semana ele disse: “Não, pega o avião e vai pro Rio pra ela ficar com os pais e tal. Tudo por conta da empresa.” Ele entendia essa coisa, essa dificuldade da gente. Mas mesmo assim eu decidi que eu queria ir pra São Paulo. Mas aí de forma definitiva, pra morar lá e tal. E, tomada a decisão, você imagina só, o pavor que ela tinha de São Paulo por causa dessa temporada lá. Ainda mais ficar numa cidade grande. A gente morava num lugar pequeno. Eu quebro o braço jogando futebol e chego em São Paulo sem dirigir, com o braço quebrado, tendo que arranjar mudança, entender a cidade, aprender a ir pro trabalho. Ela tinha que me levar no trabalho. Foi um inferno.

P - Onde vocês moraram lá?

R - Moramos no Itaim, que era muito próximo do escritório. Porque quando nós chegamos nós fomos morar num apartamento que era da própria empresa. Então era ali perto. E logo depois eu comprei um apartamento lá. A gente morava numa casa de 300 metros quadrados lá em Santa Catarina e fomos morar num apartamento de 80 metros quadrados lá em São Paulo, quando eu comprei o apartamento. Então eu tive que dar móveis lá em Santa Catarina. Minha máquina de secar roupa eu tive que deixar na casa dos amigos. E só botei lá dentro o que cabia. Mas eu quero ir pra São Paulo. Então, fui pra lá. Mudei de empresa, fui trabalhar numa outra empresa americana. Lá conheci um outro americano, que é meu amigo até hoje, fantástico. Um cara, ele já aposentou-se também, mas é um cara espetacular. E contei muito dessas histórias que eu estou contando, pra ele aqui. E ele também era um cara que vinha de família humilde lá no sul dos Estados Unidos. E ele disse: “Não, mas eu vou te levar pra treinar lá. Você vai ser o melhor profissional desse setor no Brasil. Gostei de você e vou te incrementar. Aí nos levou. Aí pagou a passagem também da Elaine. Aí nós fomos pra lá, deixamos as filhas com o sogro. E ele disse: “Além disso eu vou te levar para New Orleans, que eu sei que é o teu sonho e nós vamos acabar com essa coisa toda, vamos iniciar uma nova vida pra você aí.” Eu já fui em New Orleans umas 20 vezes, de lá pra cá. Nunca mais parei de ir. Então, esse cara me ensinou muita coisa. Diferente do outro, já. Ele me ensinou, por exemplo, uma coisa que eu não fazia. Mas todo assunto que a gente ia resolver ele me ensinou a estudar. “Carlos, eu só quero a solução depois que você tiver lido pelo menos 20 artigos técnicos diferentes. Vai pra biblioteca ou me fala que eu mando buscar nos Estados Unidos. Mas você tem que ler, no mínimo, 20 artigos sérios sobre esse assunto. Aí eu vou aceitar a tua solução.” E eu digo: “Pô, mas que saco. Eu sei desse troço e tal.” “Mas eu quero que você leia os 20 artigos.” E eu tinha que tirar as cópias e mostrar. “Está aqui os artigos.” E tinha que citar onde eu ia apresentar o projeto, frases daqueles artigos todos. Aí passou um certo tempo, eu comeci a entender o valor daquilo lá. E aí depois: “Realmente, os caras não são bons à toa não. Eles são bons porque eles têm método, eles têm paciência, eles têm disciplina pra fazer as coisas.” E esse cara era experientíssimo. Eu via ele lendo, sabe? Ele lia os 20 artigos também. Foi impressionante. Um cara jovem. Naquela época era um pouco mais velho do que eu. Eu tenho 59 anos, ele deve ter uns 62, 63, por aí. Forte. Um cara bonitão. Então, esse também foi outro bom exemplo que eu adotei pra minha carreira. E aí esse projeto que eu fui pra lá deu errado por questões políticas lá do nosso grande Maluf. Mesmo no Governo Militar a gente não conseguiu a aprovação ambiental. Aliás, a aprovação foi dada pela Cetesb. Na hora que eu fui buscar esta licença, aí o Presidente da Cetesb me chamou na sala dele e disse: “Olha, infelizmente, por ordens superiores, eu não posso te dar essa licença mais.”

P - Mas vocês iam implantar uma fábrica?

R - Uma fábrica de celulose e papel lá em Aratuba, ali perto de Itapetininga, por ali. Nós já tínhamos até começado a trabalhar lá no local. E aí foi uma primeira, assim, enorme decepção na minha vida porque eu me deparei ali em São Paulo primeiro, com a discriminação contra nordestinos, contra mim. Várias vezes aconteceu isso. Me deparei com a fraude nesse processo todo. Me deparei com a corrupção em Brasília e lá na Assembléia de São Paulo, com CTI, esse negócio todo. Me deparei com ecologistas que botaram uma mala preta pedindo um milhão de dólares pra poder sair a licença que ele pagaria pra não sei quem e tal. E me deparei com a fraqueza até dos militares, que o presidente era o Geisel, que sabia que a gente estava certo, todos os dados foram fornecidos pra aquilo ali, e não fez nenhuma pressão pra coisa funcionar. O resultado é que os americanos viram que isso não era um país sério e disseram: “Não dá pra investir aqui. O que nós já investimos está perdido. Nós vamos embora.” E me ofereceram pra ir com eles pra lá. Então, pra mim não ficar desempregado, quer dizer, iam fechar tudo e iam embora. Pra eu não ficar desempregado. Então eu disse pra eles o seguinte: “Eu não tenho a menor ambição de morar nos Estados Unidos. Eu gostaria muito de trabalhar lá pra mim provar também um pouco, mas não de morar definitivamente. Então, eu acho que eu vou buscar alguma coisa no Brasil antes de... em último caso eu vou com vocês. Mas eu só vou se eu não achar outra coisa aqui. Aí botei meu nome no mercado. O projeto vai acabar mesmo. Daqui uns seis meses eu vou estar desempregado. Estou buscando. Aí esse amigo anterior que já estava morando nos Estados Unidos, ele soube que o projeto não tava dando certo, que eu ia procurar emprego. Ele falou lá nos Estados Unidos com o Presidente da Alcoa que ia fazer uma fábrica grande lá no Maranhão naquela época. E estou lá em casa num sábado à tarde, com caxumba e tal. Tava todo deitado aí. Aí toca o telefone. Era o americano. “Olha, eu estou aqui com seu nome que me foi dado pelo Stuart Lang lá em Nova York, e eu quero lhe entrevistar agora pra você entrar pra trabalhar pra gente.” Eu digo: “Mas, quando? Segunda feira?” “Não, agora.” Eu falei: “Mas hoje é sábado, o senhor está no escritório?” “No escritório.” E o escritório dele era na Nove de Julho, muito perto da minha casa. “Venha agora aqui.” Aí eu digo: “Mas, se o cara me ver todo inchado com esse troço, aí ele me joga lá de cima, do décimo andar.” Morto de medo de pegar doença tropical. Mas, aí eu falei pra ele: “Mas o que é que eu faço?” “Não, bota um cachecol.” Tava muito frio lá em São Paulo. Eu me vesti e fui lá. O cara, cheguei lá, tava com os dois pés em cima da mesa. Ele disse assim: “Olha, não tem muita conversa não. Eu quero você trabalhando pra gente, e

amanhã de manhã vai passar um carro na sua casa, vai te levar em Poços de Caldas pra você ver a nossa fábrica, pra você, segunda-feira, decidir se você quer ou se você não quer.” Eu digo: “Peraí, calma. Eu não entendo nada de alumínio. Eu nunca trabalhei nisso. Eu não tomar uma decisão dessa, desse modelo.” “Não, mas amanhã você vai lá, né?” “Tá bom, então eu vou lá amanhã.” No outro dia o cara passou e me levou a Poços de Caldas, de cara inchada ainda. Fui lá. Conheci. Estava o diretor da fábrica me esperando. Me mostrou, explicou como era o processo e tal. E aí eu voltei, liguei pra um amigo meu, de uma firma de Engenharia que entendia de alumínio. Convidei ele pra conversar um pouco. Ele disse: “Carlos, se você estudar seis meses você domina isso aí e tal. Pode ir em frente que não tem problema.” Eu digo: “Não, mas não é assim não. Eu não conheço, não tenho muita coragem de enfrentar dessa forma.” Segunda-feira eu fui lá falar com o cara, e ele já veio com uma proposta. “Quanto é que você ta ganhando?” Eu disse: “Tanto” “Então eu pago 10% a mais. Você, a sua mulher fala inglês?” Eu digo: “Fala.” “Então vocês vão pra Austrália, morar um ano na Austrália pra ser treinado. Porque você me disse que não é do setor e eu sei que você não é, mas um ano lá você vai aprender que nem qualquer um dos nossos aqui e tal. Que se o Stuart Lang acreditou em você, é porque você aprende mesmo e tal. E então vai pra casa, conversa com a tua mulher. Eu quero a resposta até quarta-feira.” Aí eu tremi. “Porra, uma mudança de vida total.” O quê que eu fiz? Liguei pra cá. Tinha um amigo meu que trabalhava aqui. Era Gerente de Produção daqui. Eu disse: “Valério, eu estou indo embora, saindo do setor. Recebi uma proposta pra ir pra Austrália. Eu acho que eu, não tenho outro emprego, eu vou. O que é que você acha?” Ele disse assim: “Bom, peraí. Deixa eu. Eu te ligo daqui a meia hora.” Ele desligou. Liguei pro diretor daqui, que era um inglês. E o cara disse: “Não, de jeito nenhum. Chama o Carlos aqui amanhã.” Isso era segunda à noite. Terça de manhã ele chamou a gente aqui. Aí eu vim pra cá na terça-feira. Chegou aqui na terça-feira, essa era a segunda vez que eu tava sendo chamado aqui na Aracruz. Já tinha tido uma primeira. A primeira vez que eles me chamaram, quando eles souberam que o projeto lá não tava dando bem, quiseram me contratar. E era pra posição de Gerente de Produção. Eu cheguei, ouvi a conversa toda, aí disse pro Diretor, que era David Watson o nome dele: “Mas, Sr. David, você não precisa de mim aqui. Você já tem o cara certo aqui dentro.” Ele disse: “Quem é?” “O Valério.” “Bom, mas eu não estou entendendo. Eu estou te chamando pra essa posição e tu me oferece outra pessoa? Qual é a tua ambição?” Eu digo: “A minha ambição é de crescer, mas eu sei que tem um cara aqui dentro que é melhor do que eu pra essa posição, porque ele já ta aqui há vários anos. É meu amigo. Eu conheço ele muito bem. É muito bom. E, pô, eu não vou chegar aqui e tomar o lugar de uma pessoa que eu acho que tem tanta capacidade quanto eu, e um pouco mais, porque ele já conhece e eu não conheço. Então, acho que o senhor vai fazer errado se o senhor não colocar ele.” E o certo é que, nessa primeira vez que eu vim, eu falei tudo isso. Eu voltei pra casa e disse pra ele: “Olha, não vai dar certo porque eu acho que eu iria passar por de uma pessoa que eu gosto muito. Eu não vou fazer isso.” E ele disse: “Não, está certo. Se você ficar desempregado uns tempos aí a gente agüenta. Não tem problema nenhum. Você não deve fazer isso mesmo não.” Aí à noite o Valério me ligou chorando e dizendo assim: “Você é um louco, você é um filho da puta, não sei o que e tal. Porra, eu lutei pra lhe trazer pra cá e você chega aqui e me põe no seu lugar. Agora o cara tomou a decisão que eu vou ser o Gerente de Produção.” Eu disse: “Não, está certo. Então você vai ficar aí importante, não vai?” “Vou.” “Então, pô, depois você me leva praí. É melhor desse jeito. Eu vou fazer a coisa pelo caminho certo.” Aí ficou por isso mesmo. Então, chegou essa oportunidade de eu falar pra ele: “Olha, eu estou indo pra Austrália.” Ele falou com o David e o David me chamou aqui na terça-feira. Então, fui almoçar na casa de hóspede ali e ele me perguntou: “Porque você vai pra Austrália?” “Porque é a oportunidade que eu tenho. Eu tenho mulher e filho pra cuidar. Eu acho que é uma boa chance de ser treinado num país legal, um país desenvolvido. E quando eu voltar eu estou com o emprego garantido. Vou ser Gerente lá no Maranhão. Apesar da minha mulher não querer de jeito nenhum ir pro Maranhão, que fica cada vez mais longe da família dela e longe do centro que a gente acha que é bom pro futuro dos nossos filhos.” E aí ele disse o seguinte: “E quanto é que eles vão lhe pagar?” “É tanto.” “Eu pago a mesma coisa. O que mais que eles estão te oferecendo?” “Isso, isso, isso mais esse ano na Austrália.” “O ano na Austrália eu não vou te mandar, o resto tudo eu lhe ofereço e você vem pra cá.” Eu digo: “Eu vou fazer o que por esse dinheiro todo?” Aí ele disse: “Bom, por enquanto eu não sei, mas venha que a gente vai achar.” Aí, pronto. Aí o sofrimento aumentou mais ainda. Agora eu estou com duas decisões pra tomar. Cheguei lá em casa. Aí, como eu já tinha ido pra São Paulo sem consenso com a minha mulher, dessa vez eu digo: “Eu quero o consenso.” Aí fiz lá uns 50 itemzinhos com peso, nota e tal, tal. Chamei ela e: “Dê as notas aqui, dê os pesos e vamos fazer o rankin de uma por uma.” Aí deu assim, terminou 100 pra Aracruz e 99 pra Alcoa. (risos). Como tava quase empate técnico, eu disse pra ela: “Você decide agora. O que você decidir eu faço. Eu já fui muito ditatorial na outra decisão. Nessa agora eu aceito o seu feeling aí, o seu sentimento e tal.” “Eu prefiro ficar na Aracruz. Eu não quero morar no Maranhão de jeito nenhum.” Aí fui lá no americano e disse pra ele: “Olha, infelizmente não dá.”

P - Voce é doido, né? O cara olhou pra ele e falou isso.

R - “Infelizmente não vai dar..” “Porque que não vai dar? Parece um negócio bom e tal?” “Não, é que eu tive uma outra proposta parecida e tal pra ficar no Brasil. É do meu setor, não sei o que. Eu prefiro ficar lá.” E fiquei amigo desse cara até hoje. Aí ele disse: “Está bom. Isso é que eu gosto. Você, no dia que foi marcado pra decidir, você decidiu.” “Então ta bom. Ta decidido.” Aí vim pra cá. E assim que eu cheguei aqui, no dia oito de setembro de 81. E aí a decisão de vir foi tomada rapidamente. E decidi, como era em setembro, que a minha família ficaria em São Paulo. Eu viria sozinho. E no dia 15 de setembro eu liguei pra ela e disse: “Ah, não fico sozinho. Venham pra cá.” Aí ela disse: “Está bem, eu topo. Nem que eu tenha que dar aulas pra essas meninas aí fora de hora pra elas acompanhar a diferença dos colegas, eu vou embora.” Aí mudou todo mundo pra cá imediatamente também. Eu não agüentei. Pro Coqueiral. Não agüentei uma semana sozinho. Então já veio. E aí eu entrei aqui como Engenheiro de Processos, não foi como Gerente naquela época. Depois passei a Chefê de Divisão logo em seguida. Aí teve um teste importante aqui que eles me deram pra mim coordenar o teste. Aí eu mostrei que eu sabia de alguma coisa. E tinha um departamento que era gerenciado por um sueco e esse sueco não tava andando muito bem. Aí eles tiraram o cara. O cara voltou pra Suécia. Eu assumi o Departamento de Controle Técnico, que era qualidade, meio ambiente, controle da fábrica. Depois fui Gerente de Produção. Depois fui Gerente Geral. Depois fui Diretor da fábrica. Depois Diretor das operações. E por aí foi.

P - É uma carreira mesmo.

R - É, aí foi uma carreira e aí eu digo o seguinte, que o sucesso de qualquer pessoa. Primeiro precisa definir bem o que é sucesso. Se é ser o Presidente ou se é ser bom no que você faz. Pra mim sucesso sempre foi ser bom no que eu tava fazendo. Nunca foi ser o Presidente. Eu nunca almejei nem ser Diretor nem ser Diretor nem ser Presidente da Aracruz. Isso não é charme, não é coisa nenhuma. Não almejei como eu também não sabia que tinha que fazer vestibular pra entrar na faculdade. Então, não faz parte da minha cabeça engendrar coisas muito assim fantasiosas pra minha vida. Eu só penso coisas possíveis. Eu não penso coisas impossíveis. Eu só sonho com coisas que eu sei que eu vou poder um dia fazer.

E vou batalhar pra fazer. E dentro daquela minha esfera. Então, eu quando era Gerente de Produção, queria ser o melhor Gerente de Produção do mundo. Então, eu estudava pra cacete, vivia dentro da fábrica, não sei o que e tal. Então, eu quero ser bom nisso. Aí eu sempre concluía o seguinte. Se eu for bom nisso alguém me descobre, alguém vê. Como também nunca na vida eu fui pedir aumento de salário e nem, em 34 anos de carreira eu nunca pedi aumento de salário pra ninguém. Eu não acho que tem que pedir. Eu acho que as pessoas têm que enxergar o que eu estou fazendo. E se eu não gostar, aí eu saio. Ou eu entro assim, feliz da vida, que o cara está me enxergando. Porque eu gosto de outras coisas da região que for. Ou eu fico infeliz da vida e vou-me embora, como eu sai lá do sul e vim pra São Paulo e pó aí vai. Ganhava bem. Tinha um bom prestígio lá, mas não tava feliz. E eu mesmo tomei a decisão de sair. Aqui eu nunca pedi aumento porque eu sempre achei que eu que tenho que fazer primeiro, eu que tenho que demonstrar trabalho, pra poder alguém me ver. Isso não veio, azar dele. Então, são muito inteligentes. Mas sempre vêem. A verdade aparece no final das contas. Então, minha carreira foi muito mais fundada. E é isso que eu passo pras minhas filhas. Muito mais fundado na transpiração do que na inspiração, do que na conversa bonita e tal. Mas eu reconheço que eu tenho um bom modelo de construção de amizade, de construção de relacionamento, de convencimento das pessoas a andar na mesma direção e tal. Eu acho que isso é natural, eu não estudo pra isso. Nunca procurei ler esses livros de auto-ajuda ou livros de gestão de pessoas, não sei o que. E sempre digo pro meu pessoal: “Vocês lêem demais até. Quer dizer, e muitas vezes vocês lêem coisas que são feitas pra americanos, que funciona pra americano, mas não funciona pra brasileiro. Então, vocês têm que ser um pouco mais do seu próprio feeling das coisas, do seu próprio personalidade, e não ficar baseando só no que os outros escrevem pra outras culturas, pra outras realidades. Então, precisa saber discernir isso.” E muitas vezes o que acontecia, hoje acontece menos, é de um livro que era feito nos Estados Unidos, que serviu muito lá, eles chegavam aqui com 10 anos de atraso, e a realidade do mundo já era outra. Você ia aplicar isso aqui, o cara já tinha abandonado lá. Mas a gente não sabia, achava que estava no auge da moda a coisa, e quebrava a cara de novo. P2 – Como foi o seu encontro com o Sr. Lorentzen, a relação, como se deu esse contato?

R - Quando eu virei gerente dessa área de controle técnico, como era uma área que mexe com qualidade, com meio ambiente, vamos dizer, com os controles da empresa. E o Sr. Lorentzen é um cara que sempre esteve muito ligado à fábrica, vinha aqui visitar e tal. Eu passei a ser um dos gerentes que visitavam a fábrica pra mostrar pra visitante, pra mostrar pra ele e tal. Então ele vinha como visitante estrangeiro e eu ia junto. E aí ele percebia que eu tinha muito interesse na fábrica, nas questões ambientais, nas questões sociais, nas questões políticas, porque eu conhecia. Não era a minha função, mas eu prestava atenção e via que tinha que saber um pouco dessas outras áreas também. E então ele começou a notar essa veia um pouco mais abrangente, que não era só a técnica. E começou a me puxar. Assim, pra várias coisas que ele vinha fazer aqui, ele me chamava pra ir junto e tal. E a gente foi começando a... nos jantares lá à noite com os visitantes, ele percebia que o meu interesse era genuíno pela conversa toda. De vez em quando eu ia pra Suécia, Finlândia. Aí conhecia os gringos por lá, os gringos já vinham e falavam bem de mim: “Oh, cadê o Carlos, não sei o que e tal.” Ele começou a perceber ali que eu tinha muito interesse no meu trabalho, na empresa em si. E tinha um bom relacionamento com os finlandeses, os americanos, o pessoal que vinha aqui nos visitar aqui. Então isso foi criando uma certa intimidade. Quando foi em 85, que eu fui, tinha acho que uns 35 anos de idade, quando eu fui promovido a Diretor Industrial. Na época então esse inglês teve um câncer, operou, e disse: “Carlos, eu não pretendo mais ficar. Os médicos disseram que eu tenho 10 anos de vida. Então eu quero me aposentar e viver meus 10 anos na Inglaterra muito bem e tal. Aproveitar.” Só que ele não morreu. Ele continua vivo até hoje e muito bem. Então, está aproveitando mais do que ele pensou. “E eu vou precisar botar alguém aqui. E você é uma pessoa que eu acho que tem a visão mais completa das operações e tal. Eu vou te indicar pro Lorentzen lá e pro conselho e tal.” Aí na época o Lorentzen que era muito cioso do peso dessa operação toda: “Não, mas o Carlos é muito jovem e não sei o que. Você fica aí então de consultor por um ano pelo menos pra ver o que ele vai fazer e tal.” “Não, eu fico.” Então aí me promoveram. E de fato ele ficou um tempo. Mas com menos de quatro ou cinco meses ele disse: “Carlos, eu estou mais atrapalhando do que ajudando. Você já está dando conta fácil disso aqui. Eu vou-me embora, ta bom.” Aí isso fez me ligar muito ao Sr. Lorentzen porque, ele com medo que eu fizesse alguma burrada por aqui, ele ficava mais em cima olhando, perguntando e tal. Então, ficava aquele desafio de eu provar o tempo inteiro que tava dando certo, que as coisas estavam andando.

P - Dentro dessa trajetória da Aracruz, você é um dos poucos que teve realmente uma, a liderar, estar presidindo uma empresa, que teve uma carreira de conhecer processos, de vivenciar o dia-a-dia da fábrica. O que você acha que isso é diferencial na condução da Aracruz?

R - Eu acho que a Aracruz é uma coisa interessante. É uma empresa de sucesso, é uma empresa que é conhecida no Brasil e no mundo. Respeitadíssima. Ontem tinha uns suecos aqui nos visitando. Os caras terminaram a visita e: “Poxa, vazia dez anos que eu não vinha aqui. Quando eu pensei que a Aracruz era tudo aquilo que eu tinha visto, vocês estão muito melhor do que eu já vi. É respeitável o trabalho que é feito nessa empresa, o gabarito dessa empresa e tal.” Quer dizer, você fica cheio de orgulho por tudo isso. É claro que no fato de eu vir de dentro da empresa não é o que determinou isso. A empresa já era boa antes de eu ser presidente. Mas eu acho que ela era boa porque a fundação dela, o início dela, ela sempre teve gente muito dedicada aos processos, às coisas internas dela. Conhecedores do processo. Gente que conhecia a floresta, gente que conhecia fábrica, gente que conhecia vendas. Apesar dos presidentes anteriores serem todos generalistas, mais ou menos interessados no que acontecia, os diretores sempre foram muito fortes. Eram poucos e fortes. Porque a gente tinha base, conhecimento, e tava com a diretoria certa. Eu acho que esse foi o grande fundamento da Aracruz. O fato de eu ser um presidente agora vindo de dentro facilita muito mais pra mim como presidente, porque ninguém me enrola, apesar de ninguém querer me enrolar. Mas é mais difícil de um diretor, mesmo que não queira enrolar, ele errar. Principalmente se for nas áreas que eu conheço. Aí eu digo: “Não, não pode ser assim. Também não vou aceitar isso dessa forma.” Então, é muito mais difícil o cara trazer uma coisa sem ter estudado. Eu não aceito muito isso. O negócio dos 20 artigos e tal. Eu acho que tem que ter estudo pra o cara trazer qualquer projeto. Tem que ter base pra trazer as coisas. Enquanto um presidente leigo, se você levar um determinado assunto que esteja, não com um conteúdo, mas com uma roupagem bonita, ele compra. Compra porque eu já vi comprar várias vezes aqui dentro da Aracruz, coisas muito lindas que por dentro não tinha absolutamente nada. Ele compra porque é bonito. Qualquer um. Eu também compro, lá numa loja, uma capa de CD maravilhoso. Eu nem sei o que é que tem o CD. “Pô, eu gostei tanto dessa capa aqui que eu vou levar pra ter uma capa bonita na minha coleção.” Então, é mais difícil quando o cara vem de dentro porque ele conhece. E, principalmente, outra coisa importante, por exemplo, os empregados também confiam mais. Mas quando eu falo que a empresa está em dificuldades, que a gente vai precisar fazer uma contenção de despesas, eles não acham que é aquela coisa do capitalista, do cara mentiroso e tal. Quando eu digo que o lucro em reais que é publicado é grande, mas esse não é o lucro verdadeiro, o lucro verdadeiro é em dólar, então eles sabem que eu estou falando a verdade. Não estou enganando ninguém, não estou usando de subterfúgios. Que geralmente os caras mais generalistas, eles usam. Porque, como o cara não tem a intimidade com a organização, ele tem que achar outros meios de convencer. Ou fica muito ditatorial. Por outro lado

também é isso. Quando eu vejo que o pessoal trabalhou pra cacete, produziu acima do que foi esperado, mas o preço do mercado é que determinou mal o resultado, eu não penalizo ninguém por isso. Eu chego e digo: “Não, o pessoal trabalhou mesmo e tal. Deu duro. Vamos dar os bônus que eles merecem e tal.” Porque eu entendo o que está acontecendo. Não fico só olhando o que o mercado pensa da Aracruz, o que é que o acionista pensa. Eu vou lá e brigo a favor desse negócio. Porque eu valorizo esse trabalho. Então eu acho que essa é a única, diria, grande vantagem de um presidente vir de dentro da Organização. E acho que o mundo está mudando. Teve aí um período fortíssimo, principalmente pelo modelo americano de gestão, de que os presidentes deveriam ser homens financeiros. E geralmente os homens financeiros são homens longe das organizações, são homens frios, que olham só os juros. E são homens bons de tomar decisões duras. Eles têm os valores deles também. São homens que, quando precisa demitir 3.000 pessoas, eles não batem a questão. Eles vão lá e: “Tem que demitir, demite e acabou.” Então, são maravilhosos pra tomar decisões duras, decisões pesadas, e que, muitas vezes, é a salvação das empresas esse tipo de decisão. Mas se esse homem fica dez, 15 anos na frente de uma empresa pensando simplesmente nas decisões duras e não têm, vamos dizer, não cria o lado emocional que as pessoas têm que ter nas suas empresas, as empresas vão ficando frias, vão ficando desmotivadas. E, enfim, toda a inteligência que o cara pôs lá é dissolvida na falta de vontade das pessoas. Então, o mundo enxergou isso já. Nos Estados Unidos, muito da Europa, muito dos presidentes novos, estão sendo homens vindos de dentro. E em geral não mais das áreas financeiras, mas muito mais das áreas operacionais. Que, em geral, eles têm um coração maior, porque a função deles é viver com gente. Não é porque eles são bonzinhos assim, anjos. E não é porque os outros são demônios. Os outros não vivem com gente, a gente é do tamanho do meio. Se você não convive com gente, você não tem nenhuma responsabilidade ali. Você não se condói se a mulher do cara pegou um câncer. Eu que vivo conversando com as pessoas, o cara fica doente eu fico ali já pensando como é que a gente vai ajudar o cara. Você se condói e tal. Você tem muito mais emoção. P2 – A gente tem muitas perguntas ainda, mas eu vou tentar dar uma. A Aracruz, ela tem o desafio que é a questão do meio ambiente. Você participou muito desses debates. E hoje a gente tem uma frente de combate aí, que é um discurso de desenvolvimento sustentável. Como que você faz assim um apanhado desse percurso todo?

R - Eu diria o seguinte. Quando a Aracruz fez a primeira fábrica, em 78, o Sr. Lorentzen pediu que fosse feita uma pesquisa a nível mundial de quais os melhores parâmetros ambientais que existiam no mundo, até porque no Brasil não tinha nada. Aquela Seima que era lá em Brasília não tinha nada. E foi pegos suecos, finlandeses, canadenses, americanos. E pegou-se o que tinha de legal que foi implantado na Aracruz. Porém, naquela época, apesar de fazer tudo certo, nós vivíamos o Regime Militar onde a transparência era muito pequena, onde as pessoas não tinham necessidade de explicar o quê que estavam fazendo. E como a Aracruz, junto com a CST, como a Vale, foram projetos decididos pelas cabeças pensantes em Brasília, mas era cheio de capixabas no meio disso, só que não foi decidido pelos políticos. Aqui, esses quatro grandes projetos se transformaram num verdadeiro demônio capitalista implantado pelos militares de fora pra dentro. E se paga esse preço até hoje, até porque a geração que pensa assim foi uma geração que se diz perseguida pelos militares, que eu acho isso detestável o cara ainda querer ser eleito dizendo que ele foi expulso do país. Ele tem que ser eleito é pelo que é hoje, e nunca por uma coisa que já se passou e que não vale mais nada na minha cabeça. O cara tem que provar que ele é bom é hoje. Tanto é que muitos desses que foram expulsos e tal estão roubando, estão fazendo a mesma coisa que os que ficaram fazem também. Então não tem valor mais. Esse pessoal teve um acesso enorme à imprensa, têm uma doutrina de repetição da mentira o tempo inteiro. E isso pegou. E, por outro lado, o nosso grande erro foi a gente ficar calado. Eu sempre digo o seguinte: “Quando você escuta do lado do seu ouvido uma história dez, 15, 1.000 vezes, e do lado de cá não tem nenhuma pra desmentir ou pra, pelo menos, debater aquela história, essa aqui fica.” Então, ficou porque o Ruschi, que era um ecologista daqui falou isso. Mas falou isso sem a menor condição científica. Ele falou isso muito mais na emoção porque ele quis trabalhar pra Aracruz e ninguém contratou na época e tal. Que foi uma burrice também porque não era comprar o cara e sim dar um trabalho. Mas por questões muitas vezes de ignorância das pessoas, você deixa de fazer uma coisa certa. A Aracruz nunca foi pra imprensa. A Aracruz nunca fez uma propaganda na televisão nesse estado aqui. A Aracruz era 100% auto-suficiente em tudo. Os caminhões pra transportar as madeiras eram nossos. Os motoristas eram empregados nossos. Pra fazer as placas das estradas, nós fazemos aqui dentro. Então, tudo isso contribuiu pra que a Empresa fosse vista como um entrave, um monstro dentro dessa sociedade. De uns anos pra cá nós fomos dissolvendo tudo isso. Hoje terceirizamos um monte de coisas. Tem um monte de empresários neste estado que vive em função da Aracruz. Tem mais de 60 empresas que vive em função dessa empresa aqui. Mais de 60 empresas. No último projeto, 200 milhões de dólares ficaram dentro deste Estado. Hoje a televisão nos vê. A gente é visto na televisão daqui, coisa que não era antes. Hoje eu vou pra qualquer reunião em Vitória, façam qualquer pergunta que quiserem fazer: “Vocês tomaram terra de índio?” Eu respondo tudo isso claramente, pra todo mundo ouvir. E vai dissolvendo essa coisa que tinha de um lado ta começando a ter do outro. Custa por quê? Porque os que contaram esta história estão vivos ainda aí e não vão voltar atrás porque ganharam dinheiro com isso. Eles foram eleitos com isso. Eles têm lá todo um mundo deles em função disso. Eles vão continuar mantendo essa história. Mas, provavelmente, os filhos deles, eu já conheço vários filhos deles que não pensam como os pais, que acham aquilo um absurdo, uma ignorância, um radicalismo tolo e tal. E isso vai mudar com o tempo. Tem que ter paciência que vai mudar com o tempo. Só que a gente tem que estar buzinando do outro lado. Com uma diferença fundamental, que a empresa não pode mentir. Empresa que tem ações na bolsa de Nova York, uma empresa que o seu presidente e o seu diretor financeiro poderão ser presos nos Estados Unidos, eu não posso mentir. Não posso assinar documentos que eu mando em junho e em dezembro pra bolsa de Nova York com mentiras. Porque senão eu nunca mais entro naquele país. Se entrar vou preso.

P - Deus me livre. Como é que você vai ouvir jazz que você tanto gosta?

R - Pois é. Então eu prezo a minha reputação, prezo o meu jazz e acho bom ir pra lá também. Então eu não quero fazer, a menos que me enganem aqui dentro. Mas senão não sai nada errado. Só que o outro lado não tem essa obrigação, não tem essa necessidade, não tem. E muito do que estão do outro lado, inclusive, ta pago por empresas americanas, empresas européias, pra fazer esse trabalho. E, tal, eles atrapalharam. Nós sabemos disso.

P - Quando a gente anda pela Aracruz, ou que fala de Aracruz, a gente pensa muito no papel, nessa coisa mágica. Essa é uma pergunta que eu gosto. Você tem essa relação com o papel no seu dia-a-dia, de saber que ta lá o trabalho de pegar um livro e perceber a textura de uma folha?

R - Eu leio desde muito pequeno. Então o livro é uma coisa que, quando às vezes o pessoal fala que vai sair o livro eletrônico aí, que você vai pegar um livro de plástico e vai ficar lendo aí, eu fico arrepiado com isso. Eu não acho o plástico nada ecológico, e o papel é. O papel é

renovável, o papel é próximo à natureza. Eu acho que o papel é o símbolo de desenvolvimento de uma sociedade. Papel é comunicação escrita. Papel é embalagem. Significa higiene, significa proteção dos alimentos, proteção dos produtos que são fabricados. O papel é transmissão de cultura através dos tempos. Então, eu adoro este setor. Acho que este setor paga um preço elevadíssimo pela sua caipirice. Que é um setor que, no interior, vive muito no meio das florestas e tal. É um setor caipira, é um setor de gente simples e de gente que não tem maquiavelismo na cabeça assim, como outros setores têm. Nós não temos isso. No mundo inteiro é assim. Este setor apanha em tudo que é lugar porque todos são homens muito simples, são muito éticos. Todos são homens de, a maioria vem do, são homens simples, pobres. Muitos deles até pobres. Eu conheci ontem um sueco aí que ele disse: "Pô, eu sou um fazendeirozinho pequeno, tenho poucos hectares e tal. Estou trabalhando nisso. Estou achando fantástico e tal." Então, o setor é assim. Apanha muito mais do que merece apanhar pelo tanto que ele já contribuiu para a humanidade, pra cultura do mundo inteiro. Com inversões maravilhosas, com tecnologias sensacionais. Com proteções ambientais que nem se imagina que se faz neste setor e tal. Então, eu tenho um orgulho grande. Tanto até que eu tenho uma filha que está trabalhando nisso também. Não porque eu impus, mas porque ela escuta e tal, e acha que é bom também. Então...

P - Trabalhando nisso o que?

R - No setor de celulose e papel.

P - Quantas filhas?

R - São três. Duas engenheiras químicas e uma economista advogada.

P - E já tem netos?

R - Uma neta já, com um ano de idade. Beleza.

P - Menina também?

R - Menina também, lógico. Pra mim tem que ter muita mulher. É mais fácil conviver com as mulheres. Difícil certas horas, mas no geral é mais, me ajuda muito nas minhas decisões. Eu divido muita coisa minha com várias mulheres.

P - A gente acompanha uma aqui que é a Angela, uma parceirona.

R - A Ângela está comigo desde 85. A Ângela, há muitos anos que ela não é minha secretária. Ela é uma assistente de altíssimo nível, com um poder de discernimento fantástico. Uma pessoa muito inteligente e muito criativa, observadora, decidida. É um senhor gerente.

P - E essa movimentação que parte da Ângela, parte lá do Luis Fernando Brandão, de contar a história da Aracruz. Como é que você vê esse projeto?

R - Dou a maior força pelo seguinte. Porque eu acho que esta empresa é fantástica. Eu tenho dito muitas vezes que, no dia que eu me aposentar, ou que me mandarem embora, seja qual for a razão, eu não vou ficar com raiva de nada porque eu vou ser o primeiro cara a fazer uma placa em algum lugar aqui da empresa agradecendo por eu ter trabalhado tanto tempo nela. Porque é uma empresa fantástica, realmente. A maioria dos ex-empregados que saem, com raras exceções, têm uma saudade imensa do tempo que trabalhou aqui. Essa empresa nunca me obrigou, em nenhuma das minhas funções, a fazer nada errado. Nunca propôs, nunca tirou a proposta de um acionista, de um diretor: "Faça isso aqui assim e tal. Vamos enganar não sei quem e tal. Vamos resolver dessa forma pra melhorar a situação." Nunca ninguém pediu. A gente paga preços caros pra não fazer, pra não ceder a isso. E isso também é um valor que era um valor pessoal meu e hoje é um valor cada vez mais importante nas empresas também. Portanto, essa empresa já saiu muito na frente desses valores aí. No aspecto de tratamento humano aqui dentro é fenomenal também. E no profissional então nem se fala. É uma empresa que você tem a liberdade, a minha porta está sempre aberta. Eu jogo pelada com os operadores dessa empresa. Eles, quando querem falar comigo, falam. Não se perde nunca o respeito só porque tem essa abertura. As pessoas viajam pra caramba. A maioria dos gerentes e engenheiros daqui conhece o mundo por conta dessa empresa. As pessoas compram livros. As pessoas têm biblioteca. As pessoas têm acesso. Todo mundo aqui usa a Internet. E eu diria, tudo isso com muita dignidade. Não é aquele negócio de você vai viajar, fica três dentro do mesmo apartamento e tal pra economizar não. Porque a gente faz a coisa com respeito que o ser humano deve ter. Então, eu acho que são pequenas coisas que você vai juntando. Parece que eu to falando porque eu sou o presidente. Mas, se você for olhar a pesquisa de clima que tem aqui, se você pegar as pessoas que saíram daqui, até achando que aqui não era tão bom com é, eles reconhecem que estavam errados. Então, eu tenho plena consciência disso porque eu conheço outras empresas e não preciso mentir e nem preciso me enganar. Eu preciso estar muito certo do que está fazendo, até pra não perder o pessoal, pra manter o time aqui fazendo bem. Então, eu acho que essa força que essa empresa tem que é super-reconhecida. Talvez seja a única empresa brasileira que já foi chamada três vezes em Harvard pra contar sua história. Não é qualquer empresa de um paizinho como o nosso que vai chamado lá pra contar a sua história, ta certo? E é uma história, felizmente, não é pra contar uma história de falhas. É de sucesso. Eu diria isso, que a empresa é reconhecida mundialmente como uma empresa sustentável, uma empresa que tem uma direção no rumo correto. É muito bem conhecida dentro do Brasil. E ela tem os seus problemas locais aqui que pode, dentro daqueles também, sair pro mundo este tipo de problemas. E muitas vezes até nos atrapalha. Mas é como eu te contei. Aqui tem muita coisa do passado mal resolvida, que tem que se resolver. Algumas não vão se resolver enquanto determinados atores aí não saírem da face da terra. Não tem outro jeito. Eles são renitentes no pensamento. Eles não querem mudar o pensamento. Pronto, aí vai. O que é que eu vou fazer? Tem que conviver com isso mesmo. Não tenho raiva de nenhum deles. Já fui confrontado. Um chegou a ser secretário e estrada. Eu pedi uma audiência. Ele: "Eu só to recebendo você aqui porque agora eu to numa função de Secretário porque odeio a Aracruz e tal." "Você pode odiar a Aracruz, mas eu não sou a Aracruz, eu sou uma pessoa que vem lhe visitar. Vamos conversar civilizadamente e tal." Um cara ignorante. Ele não é tanto. Ele é mal intencionado, até pra ganhar dinheiro com isso. Então, é o que eu te digo. Tem essas dificuldades todas. E a

gente tem que ultrapassar, tem que levar. Não pode encarar isso como nenhum grande drama não. Dá trabalho. Enche o saco. Tem que dialogar, tem que resolver e tal. Mas faz parte.

P - Você gostou de dar a entrevista?

R - Sempre que fala da gente é natural que a gente goste, já diz a psicologia. Principalmente quando eu não estou falando da parte final da minha vida que é muito fácil de você falar quando já chegou no auge ou na carreira, no sucesso. Eu gostei demais de falar da parte passada, da infância, das origens e tal porque essa que ninguém conhece. Eu acho que essa é que pode, às vezes, servir de estímulo a algumas pessoas que, quando sabem disso, até se vêem assim na condição de um dia conseguir algo melhor. Eu sempre também digo que não é todo mundo que vai conseguir e nem você consegue só por seu mérito. É preciso você estar no lugar certo na hora certa também. Você pode ser um cara ultra competente e ultra preparado. Tem um monte de amigos meus que talvez sejam muito mais competentes do que eu. Conheço vários que são mais competentes do que eu. Só que, na hora da promoção, na hora do acontecimento, eles não estavam aqui dentro. Estavam em outro canto e tal. E eu estava na hora que aconteceu aqui. E por sorte aconteceu numa empresa. Lógico que eu também não vou ser muito modesto e dizer que é só a sorte. Quer dizer, eu tive um trabalho, tenho um trabalho. Tive imensas discussões internas na minha casa porque eu sempre trabalhei 12, 13, 14 horas. E, apesar da minha filha mais nova me cobrar muito: "Não, porque você é ausente, eu não sei o que lá e tal." "Ou você aceita ou você vai sofrer sozinha. Eu não vou sofrer. Eu não vou ficar com nenhum remorso porque eu to fazendo o certo. Então, você tem que se adaptar a isso porque, se você estuda num lugar bom, se você viaja, se você tem condições de crescer na vida, eu estou te dando essa condição que eu não tive. E, pra eu ter essa condição, eu vi o quanto o meu avô sofreu carregando lata d'água, carregando tijolo nas costas, plantando no sol quente. E tudo que eu estou fazendo agora, que é muito mais confortável, ele fez muito mais desconfortavelmente do que eu fiz pra mim chegar onde eu cheguei. E estou dando a vocês uma opção melhor do que a minha. Não pra ser presidente, não pra ser rico nem nada disso. Nunca almejei isso e nem sou rico. Mas pra ser digna, pra ser feroz onde você está trabalhando. Ganhar tudo aquilo que você disputa. Ganhar no bom sentido, na dignidade, sem precisar pisar em ninguém. Tem que ganhar na sabedoria, tem que ganhar na inteligência, tem que ganhar na força de vontade, no trabalho. É isso que eu quero que vocês sejam. Não precisa ser presidente de coisa nenhuma. Se for, vai ser porque o mundo, até porque vocês são mulheres. Vocês têm que entender que as mulheres têm dificuldades nessa sociedade nossa. Vai ser difícil de alguma de vocês chegar no topo. É raro uma mulher chegar no topo. Você já tem que por na cabeça que tem aí, o horizonte de vocês é diferente. Então, não ponha o horizonte muito acima pra ficar sofrida. Vai pondo o horizonte aqui, depois põe outro aqui e depois põe outro aqui. Se chegar nesse aí, maravilhoso. Se não chegar, vocês vão entender que tem milhares de mulheres competentes, milhares de mulheres que estudaram, mais até do que vocês, tiveram mais condições do que vocês, e não chegaram. Como vários amigos meus que são melhores do que eu, estudaram muito mais do que eu, fizeram muito mais curso do que eu, e não chegaram. Não é porque são burros. A questão é porque o topo é afunilado. Cabe pouca gente." Muito bom.

P - Queria agradecer. É uma pena que a gente ta atrasadíssimo.

R - Pois é.

P - Tem já, mas se você topar a gente podia fazer depois mais uma rodada, marcar um próximo dia.

R - Já vimos tudo, ta bom. A gente pode conversar. Ainda tem um monte de coisa aí?

P - Tem um monte de coisa assim que eu queria perguntar, saber como foi encontrar o mar.

R - Ah, tá. Então tem muita coisa.

P - Agora não dá mais.

R - Mas a gente pode fazer outro dia.

P - Vamos combinar. E, a velha história. Muito legal.

R - É. Meio assim, não tem coisas muito fantásticas não. Até não tem nada radical também aí.

P - A própria vida é fantástica.